



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA -
MESTRADO



Andressa Bianchi Gumier

TERAPIA POR INTERNET PARA DEPENDENTES DE ÁLCOOL:
DESENVOLVIMENTO DE UM PROTOCOLO DE UM ENSAIO CLÍNICO
RANDOMIZADO

Orientadora: Profa. Dra. Laisa Marcorela Andreoli Sartes



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA -
MESTRADO



Andressa Bianchi Gumier

TERAPIA POR INTERNET PARA DEPENDENTES DE ÁLCOOL:
DESENVOLVIMENTO DE UM PROTOCOLO DE UM ENSAIO CLÍNICO
RANDOMIZADO

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
como requisito parcial à obtenção do título de
mestre em Psicologia por Andressa Bianchi
Gumier

Orientadora: Profa. Dra. Laisa Marcorela Andreoli Sartes

AGRADECIMENTOS

À Prof^a. Dr^a. Laisa Marcorela Andreoli Sartes, pelo apoio e suporte ao longo desses dois anos. Sua dedicação a este projeto e prontidão em me orientar foram as grandes responsáveis para que essa “sementinha” pudesse florescer.

Aos avaliadores, Prof. Dr. Fernando Antonio Basile Colugnati e à Prof.^a Dr.^a Maria Luiza Segatto, pela disponibilidade em avaliar este trabalho e pelas pontuações realizadas.

Aos colegas da linha de pesquisa em E-health do Centro de Referência em Pesquisa, Intervenção e Avaliação em Álcool e Outras Drogas (CREPEIA) pelo auxílio no desenvolvimento desta proposta e pelos grupos de estudo que tanto colaboraram para o meu crescimento profissional.

À amiga de mestrado e de vida, Lídia, que adicionou gotinhas de alegria e de amor a esse tempo de aprendizado.

Aos amigos de estrada, que tornaram esse percurso mais leve.

À minha mãe, Carmem, e ao meu pai, Antônio, pelo amor sem medida e por sempre “apostarem suas fichas” em mim.

Aos meus irmãos, Rômulo e Rodolfo, pela parceria de sempre.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

E agradeço, de forma especial, a Deus, por me acompanhar ao longo de toda essa trajetória e por torná-la mais doce e mais bonita!

A todos o meu carinho e o meu muito obrigada!

“A mente que se abre a uma nova ideia jamais voltará ao seu tamanho original”.

Albert Einstein

RESUMO

Diante do crescente envolvimento dos indivíduos com álcool e da falta de ofertas de tratamento em relação à demanda, tem aumentado na literatura estudos avaliando a eficácia e a efetividade de intervenções realizadas por internet. A partir de uma revisão de literatura sobre o tema, verificou-se que, no país, ainda não foi realizado nenhum estudo com esses propósitos. Porém, anterior à realização de um ensaio clínico randomizado desta natureza, faz-se primordial o estabelecimento de um protocolo de intervenção terapêutica padronizado que possa auxiliar e orientar os clínicos e pesquisadores no desenvolvimento de uma terapia realizada por internet. A criação de um protocolo de pesquisa clínica contribui para uma melhor compreensão do estudo e possibilita um melhor julgamento da confiabilidade, da repetibilidade e da reprodutibilidade dos seus resultados. O presente trabalho tem como objetivo geral desenvolver um protocolo de pesquisa e intervenção para a realização de um ensaio clínico randomizado para avaliar a efetividade de uma terapia realizada por internet com a presença de um terapeuta para dependentes de álcool baseada na Terapia Cognitivo-Comportamental, na Prevenção de Recaída e em princípios da Entrevista Motivacional.

Palavras-chave: Alcoolismo; Terapia Online; Terapia Cognitivo-Comportamental; Protocolo de Estudo.

ABSTRACT

Given the increasing involvement of individuals with alcohol and the lack of treatment offers over demand, studies to evaluate the efficacy and effectiveness of interventions through the internet have increased in the literature. From a literature review on the topic, it was found that, in Brazil, no studies for these purposes were done. However, prior to carrying out a randomized clinical trial of this nature, it is essential to establish a standard therapeutic intervention protocol that can assist and guide clinicians and researchers in the development of a therapy performed through the internet. The creation of a clinical research protocol contributes to a better understanding of the study and provides a better judgment of the reliability, repeatability and reproducibility of their results. The main objective of this essay is develop a protocol for research and intervention for conducting a randomized clinical trial to evaluate the effectiveness of a therapy performed through the internet with the presence of a therapist for alcoholics based on Cognitive-Behavioral Therapy, in Relapse Prevention and principles of Motivational Interviewing.

Keywords: Alcoholism; Online therapy; Cognitive-Behavioral Therapy; Study Protocol.

SUMÁRIO

LISTA DE ANEXOS	07
1. INTRODUÇÃO	08
1.1. Considerações gerais sobre o consumo, a dependência de álcool e a disponibilidade de tratamentos.....	08
1.2. Intervenções por internet	10
1.3. Modelo Cognitivo do Abuso de Substâncias	12
1.4. Prevenção de Recaída	13
1.5. Modelo Transteórico de Mudança e a Entrevista Motivacional	15
1.6. Psicologia Baseada em Evidências e Protocolo de Estudo	16
2. JUSTIFICATIVA	19
3. OBJETIVOS	21
3.1. Objetivo Geral	21
3.2. Objetivos Específicos	21
4. REFERÊNCIAS	22
5. TEXTO 1: INTERVENÇÕES TERAPÊUTICAS POR INTERNET PARA USUÁRIOS DE ÁLCOOL: UMA REVISÃO DE LITERATURA	26
6. TEXTO 2: TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO DO PROJETO MATCH	47
7. TEXTO 3: TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL BREVE POR INTERNET PARA DEPENDENTES DE ÁLCOOL: PROTOCOLO DE ESTUDO DE UM ENSAIO CLÍNICO RANDOMIZADO	52
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
8.1. Referências	78

LISTA DE ANEXOS

Anexo 01. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	79
Anexo 02. Questionário de Dados Sociodemográficos	82
Anexo 03. Área “Álcool” do Addiction Severity Index 6 (ASI 6)	84
Anexo 04. Mini International Neuropsychiatric Interview (MINI)	86
Anexo 05. Inventário de Expectativas e Crenças Pessoais Acerca do Álcool (IECPA)	87
Anexo 06. Adaptação Brasileira do University of Rhode Island Change Assessment Scale (URICA)	88
Anexo 07. Régua de Prontidão	91
Anexo 08. Working Alliance Inventory (WAI)	92
Anexo 09. Questionário de Satisfação	99
Anexo 10. Questionário de Avaliação do Uso de Internet	101
Anexo 11. Questões de Avaliação de Doses Consumidas e de Dias de Abstinência	102

1. INTRODUÇÃO

1.1. Considerações gerais sobre o consumo, a dependência de álcool e a disponibilidade de tratamentos:

O consumo de álcool e outras drogas permanece como um grave problema de saúde pública no Brasil e no mundo (Organização Mundial da Saúde, 2014). O alcoolismo tem sido alvo de preocupação de profissionais e do meio acadêmico. Segundo o IV Manual Diagnóstico Estatístico (DSM-IV) da Associação Americana de Psiquiatria (APA) (APA, 1994), a dependência do álcool pode ser entendida como um padrão mal adaptativo de uso da substância que influencia na repetição de problemas em pelo menos três dos sete critérios avaliados em um período de 12 meses. Dentre estes critérios, encontram-se a presença de tolerância, síndrome de abstinência, problemas legais, perda de controle e prejuízos psicossociais, além da permanência no consumo apesar destas questões.

Levantamentos realizados pelo Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID) em parceria com a Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas (SENAD) em residentes de cidades com mais de 200 mil habitantes - compreendendo um total de 108 municípios - na faixa etária de 12 a 65 anos de idade, nos anos de 2001 e 2005, apontaram que a estimativa de dependentes de álcool aumentou de 11,2% (2001) para 12,3% (2005) (Carlini, Galduróz, Noto, & Nappo, 2002; Carlini et al., 2006). De acordo com o II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD II), realizado pelo Instituto Nacional de Políticas Públicas do Álcool e Outras Drogas (INPAD) da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), no ano de 2012, em uma amostra representativa da população brasileira – 4607 participantes de 14 anos ou mais de 149 municípios de todo o país – 54% da população adulta (18 anos ou mais) faz o uso regular de bebida alcoólica (1 vez na semana ou mais) e 59% faz o uso em padrão *binge* (4 doses para mulheres e 5 doses para homens em duas horas de consumo). Em relação à população que bebe, 17% pode ser considerada abusadora ou dependente de álcool (Laranjeira et al., 2012). Comparados aos dados obtidos no I Levantamento Nacional Sobre os Padrões de Consumo de Álcool na População Brasileira (LENAD I) (Laranjeira, Pinsky, Zaleski & Caetano, 2007) realizado no ano de 2006, houve um aumento de 20% na proporção de bebedores frequentes (que bebem uma vez por semana ou mais) e um aumento de 31,1% na proporção de usuários que fazem o uso em padrão *binge*.

Observa-se nos estudos citados que o número de brasileiros que fazem uso de bebida alcoólica regularmente vem aumentando. No entanto, a porcentagem dos que já procuraram

tratamento devido ao abuso ou dependência de álcool e outras drogas é bem baixa, correspondendo a 2,9% no total no ano de 2005 (Carlini et al., 2006). Esse número caiu quando comparado ao levantamento realizado em 2001, em que cerca de 4% de indivíduos procuraram tratamento naquele ano (Carlini et al., 2002).

Um das razões para o pequeno número de usuários de álcool e outras drogas procurarem tratamento é o estigma associado a essas pessoas. Segundo Corrigan (2004), muitos indivíduos que fazem uso abusivo ou são dependentes de substâncias psicotrópicas ou aqueles que se encaixam nos quadros de transtornos mentais e que poderiam se beneficiar de intervenções de saúde, não buscam tratamento devido ao rótulo negativo que podem receber.

Outro problema, principalmente no Brasil, é a falta de oferta de tratamento suficiente quando comparada à demanda. Segundo o Relatório Brasileiro sobre Drogas (Duarte, Stempluk, & Barroso, 2009), que buscou mapear as instituições de atenção às questões relacionadas ao consumo de álcool e outras drogas a partir de dados obtidos em levantamentos realizados pela SENAD em parceria com a Universidade de Brasília (UnB) e disponibilizados pelo Observatório Brasileiro de Informações Sobre Drogas (OBID), foram identificadas um total de 1912 instituições que oferecem tratamento, recuperação e reinserção social no país. A região Sudeste é a que apresenta o maior número destas instituições (51%), seguida da região Sul (25%). As regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste, juntas, possuem quase o mesmo número de instituições deste tipo que a região Sul sozinha (24%). Já em relação aos dados referentes à rede do Sistema Único de Saúde (SUS) de atenção ao uso de álcool e outras drogas, no ano de 2009, o Brasil apresentava 57% da sua população coberta pelos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), sendo que dos 26 estados brasileiros e do Distrito Federal, somente em 17 essa cobertura é considerada boa ou muito boa. Outro ponto importante a ser destacado é que nem todos os CAPS mapeados oferecem tratamento exclusivamente para usuários de álcool ou outras drogas. Esta realidade parece não ser exclusiva do Brasil. Segundo um estudo de base populacional americano, com participação de 43.093 indivíduos, foi identificado que apenas 24% dos indivíduos com dependência de álcool havia recebido tratamento (Hasin, Stinson, Ogburn, & Grant, 2007).

De acordo com os dados apresentados e verificando-se a insuficiência de instituições que atuam na área de tratamento, recuperação e reinserção social de usuários de substâncias psicotrópicas, principalmente em algumas regiões do país, faz-se necessário o desenvolvimento e a implementação de abordagens alternativas de tratamento para estes indivíduos.

1.2. Intervenções por internet

Antes de abordar a questão das intervenções realizadas via internet, é importante contextualizar o uso de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) no país. Dados apresentados pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (2014) estimam que, em 2013, 49% dos domicílios nacionais possuíam computador, o que corresponde a um aumento de 24 pontos percentuais ao se comparar com os dados obtidos em pesquisa realizada no ano de 2008. Desses 49% de domicílios com computador, 43% possuíam acesso à internet (cerca de 27,2 milhões de residências), representando um aumento de 25 pontos percentuais no período correspondente entre 2008 e 2013.

Pode-se perceber, ao longo desses anos, uma manutenção na tendência de crescimento na proporção de domicílios com computador e com acesso à rede, possibilitando que cada vez mais indivíduos tenham ferramentas e meios para manterem-se conectados. Parte desse crescimento pode ser compreendido devido aos esforços governamentais no sentido de criar e desenvolver políticas nacionais que visem aumentar a parcela da população com acesso às TIC, como é o caso do Programa Nacional de Banda Larga (PNBL) instituído pelo Decreto Nº 7.175/2010 e que tem como meta massificar o acesso à internet em banda larga no país (Presidência da República – Casa Civil, 2010).

A partir de uma proposta do Ministério da Saúde, foi realizado em 2010 um estudo com o intuito de revisar a agenda de prioridades em pesquisa em saúde mental no Brasil (Gregório et al., 2012). Verificou-se a necessidade de implementar novas pesquisas abordando intervenções contra o efeito do uso de álcool e outras drogas e abordando o uso de tecnologias (telemedicina) para a educação e treinamento de profissionais da saúde.

Nos últimos anos existe em outros países grande interesse em se avaliar intervenções realizadas pela internet para diferentes transtornos mentais, inclusive para transtornos relacionados ao uso de substâncias. Christensen, Griffiths e Jorm (2004) avaliaram a eficácia de duas intervenções por internet para indivíduos com sintomas de depressão; Linke, Brown e Wallace (2004) realizaram um estudo piloto para avaliar a utilidade de uma intervenção desenvolvida por um site que buscava incentivar bebedores excessivos a adotarem um comportamento mais saudável e a reduzirem os danos associados ao consumo de bebidas alcoólicas; White, Jones e McGarry (2009), em um estudo piloto, avaliaram um programa para o manejo da ansiedade desenvolvido a partir de um CD-ROM. Estudos com o objetivo de avaliar a eficácia e a efetividade de intervenções realizadas por internet para bebedores problemáticos de álcool têm mostrado resultados positivos na redução do consumo de doses,

tanto semanais quanto por ocasião (Blankers, Koeter, & Schippers, 2011, Cunningham, 2012, Postel, Hann, Huurne, Becker & Jong, 2010), no entanto, apesar do crescimento no número deste tipo de estudo, ainda são incipientes os estudos voltados para dependentes de álcool.

Pieta e Gomes (2014) em um artigo que buscou realizar uma revisão dos estudos empíricos de psicoterapia pela internet, abordando aspectos como os recursos e os limites dessa forma de atendimento psicológico e as suas implicações para a relação terapêutica e a efetividade do tratamento, apontam que a relação terapêutica caracterizada pelo padrão comunicativo que se estabelece entre terapeuta e paciente tem se mostrado semelhante entre as terapias realizadas na modalidade online e as terapias realizadas na modalidade presencial. Apontam, também, que os resultados dos estudos dedicados à efetividade da terapia online parecem ser promissores para essa forma de atendimento.

No Brasil, com relação à aplicação de novas tecnologias, foram encontrados poucos estudos apontando o uso da internet como mais uma forma de intervenção. Fortin e Cosentino (2007) realizaram um estudo para avaliar o perfil, tipos de pedidos e temas centrais de orientações psicológicas realizadas por email. O estudo de Prado e Meyer (2006) visou avaliar a formação da relação terapêutica em terapia assíncrona realizada por internet. Não foram encontrados estudos que avaliem qualquer intervenção baseada na internet com pacientes para transtornos psiquiátricos ou dependentes de substâncias. No entanto, há um interesse neste tipo de abordagem no país e um estudo realizado por Gomide, Martins e Ronzani (2013) mostrou que é promissor o investimento neste campo. Além disto, o Conselho Federal de Psicologia (2000) regulamentou no ano de 2000 o atendimento psicoterapêutico mediado pelo computador, a fim de dar as diretrizes para tal prática (Resolução CFP N° 03/2000). Atualmente, temos a Resolução 011/2012 (Conselho Federal de Psicologia, 2012) que regulamenta os serviços psicológicos realizados por meios tecnológicos de comunicação à distância e o atendimento psicoterapêutico em caráter experimental (Resolução CFP N° 011/2012), fazendo-se necessários estudos que avaliem a eficácia e a efetividade dessa nova abordagem de tratamento.

1.3. Modelo Cognitivo do Abuso de Substâncias

A Terapia Cognitiva é caracterizada por ser uma abordagem psicoterapêutica ativa, colaborativa e focada que busca compreender os transtornos psicológicos a partir de erros de pensamentos, tendo como premissa que a forma como o indivíduo se sente e se comporta é amplamente influenciada pela forma como ele interpreta as experiências vivenciadas (Wright, Beck, Newman, & Liese, 1993). Esses erros de pensamentos, também conhecidos como pensamentos disfuncionais, são desenvolvidos a partir de crenças – processos cognitivos estáveis e duradouros – disfuncionais que o indivíduo possui acerca de si, do mundo e do futuro.

De acordo com Beck, Wright, Newman e Liese (1993) o uso de drogas pelos indivíduos se dá por diversos fatores, incluindo a disponibilidade da substância em seu contexto e a busca por efeitos provocados por propriedades específicas que elas possuem. Uma gama de aspectos está relacionada ao início, a manutenção e ao término do uso de substâncias, incluindo fatores biológicos, sociais, pessoais e psicológicos.

O Modelo Cognitivo do Abuso de Substâncias proposto por Beck et al. (1993), representado na figura 1, mostra a importância das crenças disfuncionais na manutenção do comportamento aditivo.

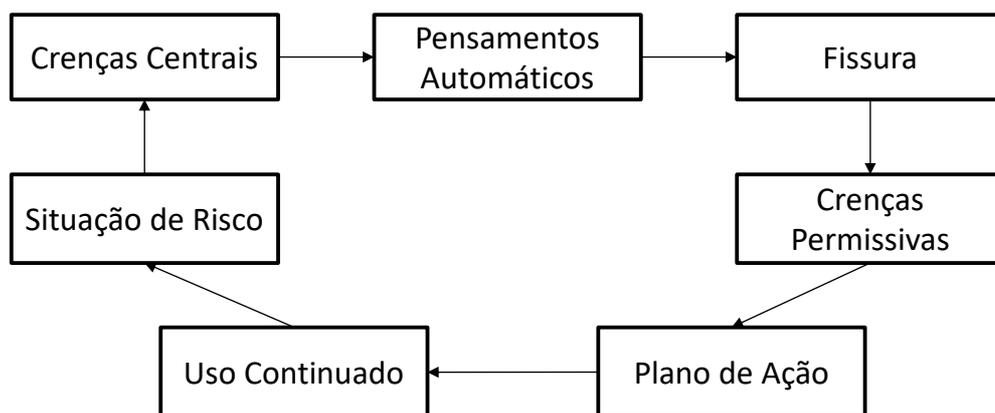


Figura 1: Modelo Cognitivo do Abuso de Substâncias (adaptado de Beck *et al.*, 1993)

Neste modelo, determinadas situações podem ativar crenças centrais disfuncionais que o indivíduo possui acerca do uso da droga. Crenças como “Eu me sinto melhor depois de tomar uma dose” ou “O álcool me deixa mais seguro” podem desencadear pensamentos automáticos e levar o indivíduo a um intenso desejo de consumir a substância (fissura).

Crenças que permitem o seu uso como “Uma cerveja não faz mal a ninguém” ou “Só vou tomar uma e ir para casa” são, então, ativadas, e um plano de ação para conseguir a substância passa a ser elaborado. A partir daí, o indivíduo pode ter um uso continuado da substância, passando de um uso abusivo para um uso dependente.

Uma das metas de um tratamento baseado na Terapia Cognitiva para o abuso de substâncias é a identificação e a modificação das crenças disfuncionais relacionadas à droga, substituindo-as por crenças mais adaptativas (Wright et al., 1993).

Os componentes comportamentais que foram adicionados ao modelo cognitivo originaram-se nas décadas de 50 e 60 quando clínicos começaram a utilizar ideias oriundas de pesquisadores experimentais behavioristas (Wright, Basco, & Thase, 2008). A Terapia Cognitivo-Comportamental começou, então, a ganhar forma. Nesta abordagem, processos cognitivos e comportamentais assumem um relacionamento estreito.

Tratamentos baseados na Terapia Cognitivo-Comportamental para o abuso de substâncias têm como finalidade trabalhar os aspectos cognitivos relacionados ao uso da substância e desenvolver estratégias cognitivas e comportamentais para lidar com as situações em que esse consumo é favorecido. Estudos têm demonstrado fortes evidências de efetividade desta abordagem terapêutica para o tratamento de diferentes transtornos, inclusive para o uso abusivo de álcool e outras drogas, tornando-se relevante o investimento nesta área de pesquisa (Hutton, & Taylor, 2013, Marchand, Todorov, Borgeat, & Pelland, 2007, Galsworthy-Francis, & Allan, 2014, Riper et al., 2014).

1.4. Prevenção de Recaída

A partir das informações provenientes da observação de alcoolistas crônicos, Marlatt propôs na década de 80 o primeiro Modelo Cognitivo-Comportamental do processo de recaída, promovendo uma grande contribuição à literatura do abuso e dependência de substâncias (Marlatt, & Gordon, 1985).

O foco deste modelo está nas situações - conhecidas como situações de alto risco – e na resposta que o indivíduo emite nesses momentos. Situações de alto risco, no caso de usuários de substâncias, podem ser compreendidas como situações nas quais os indivíduos são mais propensos a fazer o uso da substância problema. Essas situações podem corresponder a interações entre condições internas (como determinados estados emocionais e processos cognitivos, como a expectativa de resultado e a auto-eficácia) e condições externas (lugares, pessoas, gatilhos) ao indivíduo que podem ativar suas crenças relacionadas à

substância e levá-lo a um intenso desejo de consumi-la. Se a resposta emitida pelo indivíduo nessas situações for uma resposta efetiva, há um aumento do seu senso de auto-eficácia e suas chances de iniciar o uso são reduzidas (Marlatt, & Donovan, 2009).

A proposta de uma intervenção baseada na Prevenção de Recaída (PR) é desenvolver nos indivíduos estratégias e habilidades de enfrentamento mais eficazes para que eles aprendam a lidar com essas situações, emitindo respostas mais efetivas e evitando e/ou administrando o processo de recaída. Assim como toda abordagem cognitivo-comportamental, a intervenção baseada na PR assume um caráter psicoeducativo ao discutir com o indivíduo percepções e pensamentos relacionados ao uso da substância, além de trabalhar os componentes que estão envolvidos no processo de recaída, auxiliando-o a diferenciar “lapsos” (consumo da substância em um determinado momento) e “recaída” (retorno ao padrão anterior de consumo), a manejar as situações em que os lapsos ocorrem e a realizar escolhas com base em maiores informações e um maior auto-conhecimento (Marlatt, & Donovan, 2009).

Ao longo dos anos e a medida em que estudos foram realizados com base no modelo de PR, tem havido uma preocupação dos pesquisadores em reconceituar este processo, assumindo a complexidade inerente a ele (Witkiewitz, & Marlatt, 2004, Brandon, Vidrine, & Litvin, 2007, Hendershot, Witkiewitz, George, & Marlatt, 2011). Witkiewitz e Marlatt (2004) propuseram, então, uma reformulação do Modelo Cognitivo de Recaída, reconhecendo sua natureza dinâmica. Neste modelo, há uma interação dinâmica entre vários fatores que podem ou não conduzir a um processo de recaída. Diferentemente do modelo anterior, nem sempre uma resposta efetiva à uma situação de risco pode aumentar o senso de auto-eficácia do indivíduo e reduzir as suas chances de consumo da substância. A preposição deste novo modelo não é tão linear assim. Seu foco ainda permanece nas situações de risco, porém, de acordo com o Modelo Dinâmico da Recaída, o indivíduo enfrenta o desafio de equilibrar diferentes fatores e gatilhos e suas possíveis consequências antes de emitir uma resposta diante uma dada situação. Sua resposta é vista como uma combinação entre fatores distais – fatores estáveis e que podem determinar à recaída a priori (como anos de dependência e presença de comorbidades), processos cognitivos (como motivação, auto-eficácia e expectativas de resultado) e as habilidades de enfrentamento cognitivas ou comportamentais que ele possui, havendo interação e influência entre cada um desses fatores (Hendershot et al., 2011).

No geral, resultados de estudos realizados têm mostrado que a PR é uma abordagem que pode ajudar a compreender, a facilitar e a manter mudanças comportamentais (Collins,

Witkiewitz, Kirouac, & Marlatt, 2010, Hendershot et al., 2011, Witkiewitz, Marlatt, & Walker, 2005), embora maiores estudos na área se façam necessários devido à reconceituação do modelo e sua visão não linear do processo de recaída.

1.5. Modelo Transteórico de Mudança e a Entrevista Motivacional

O Modelo Transteórico de Mudança, proposto por Prochaska e DiClemente (1982), nos apresenta os estágios de mudança pelos quais os indivíduos passam para modificar um determinado comportamento problema. Por tratar-se de um modelo “compreensivo” da mudança, ele discute o processo que, tanto aqueles que se encontram em terapia quanto aqueles que tentam realizar alguma mudança por conta própria, passam.

Os estágios de mudança foram identificados e descritos a partir de um estudo retrospectivo com fumantes que obtiveram sucesso ao tentar parar de fumar. Segundo esses participantes, o caminho percorrido para a mudança do comportamento passava por: pensamento em parar de fumar, tornar-se determinado a parar, modificar ativamente seus hábitos e manter os novos hábitos adquiridos (não fumar) (Prochaska, & DiClemente, 1982).

Prochaska e DiClemente (1982) descrevem os estágios de mudança a partir de um modelo conhecido como a “roda da mudança” e identificam os seguintes estágios: Pré-contemplação (fase onde o indivíduo ainda não pensa sobre a sua mudança comportamental, não reconhecendo seu comportamento como problemático), Contemplação (fase onde ele começa a pensar sobre a mudança comportamental), Determinação (fase onde ele assume o compromisso pela mudança), Ação (fase onde ele coloca em prática ações que visam a mudança de hábitos), Manutenção (fase em que ele se propõe a manter as mudanças realizadas e os novos hábitos adquiridos) e a Recaída (situação onde ele retorna aos velhos hábitos). Neste modelo, a mudança não é vista como um processo linear, mas sim como um ciclo em que o indivíduo pode transitar entre os diferentes estágios a qualquer momento.

A partir dos estágios de mudança de comportamento supracitados, torna-se pertinente investigar o que motiva os indivíduos e qual o ponto de partida para essa mudança de hábitos. Miller e Rollnick (2001), ao abordarem a questão, sugerem que pensemos na motivação como um estado de prontidão para a mudança comportamental; estado esse que pode sofrer variações ao longo do tempo e de acordo com as diferentes situações.

A abordagem da Entrevista Motivacional surge “como um meio particular de ajudar as pessoas a reconhecer e fazer algo a respeito de seus problemas presentes ou potenciais”

(Miller, & Rollnick, 2001) e, partindo do modelo que descreve os estágios de mudança, pressupõe que o terapeuta utilize diferentes estratégias e abordagens para favorecer esse processo de acordo com a fase em que o indivíduo se encontra.

1.6. Psicologia Baseada em Evidências e Protocolo de Estudo

A prática da Psicologia baseada em evidências tem por finalidade a busca das melhores evidências disponíveis de estudos científicos desenvolvidos em diferentes áreas (tratamento de transtornos, diagnóstico, práticas preventivas...) e a sua integração à prática exercida por psicólogos em seus diversos campos de atuação, como clínicas, hospitais, instituições, entre outros. Dessa maneira, ela pretende modificar a concepção reducionista existente de que o trabalho do psicólogo se baseia, somente, em intuições e experiência profissional, dando um caráter mais sistematizado e científico à sua forma de trabalhar e contribuindo para o bem do paciente (Melnik & Atallah, 2011).

Esta prática advém da Medicina Baseada em Evidências que considera que o cuidado individual do paciente deve ser baseado na evidência mais atualizada e que resulte no melhor desfecho possível para ele (Soares, 2011). Ela é definida como o elo entre a boa pesquisa científica e a prática clínica (Atallah, 2004). Nesta lógica, é fundamental reunir todos os dados empíricos existentes sobre um determinado fenômeno, especialmente em revisões sistemáticas e meta-análises (Manser, & Walters, 2001).

A prática baseada em evidências no contexto da Psicologia Clínica é um processo de tomada de decisão que integra evidências advindas de pesquisas científicas, perícia clínica e as características e preferências do paciente. Tratamentos embasados empiricamente são um importante componente da prática baseada em evidências, porém, ela não deve ser reduzida somente a estes tipos de tratamentos. É necessário, também, que os psicólogos tenham habilidades adicionais para agirem com criatividade (Spring, 2007).

De acordo com a *American Psychological Association* (APA) (APA Presidential Task Force on Evidence-Based Practice, 2006), a prática baseada em evidências na Psicologia pode ser melhor compreendida como sendo a integração da melhor pesquisa disponível com a experiência clínica do profissional inserido no contexto de características do paciente, suas necessidades e preferências. A prática baseada em evidência é um processo que envolve o uso consciente, explícito e criterioso da melhor evidência científica atual na tomada de decisões sobre o cuidado dos indivíduos (Spring, 2007).

Uma revisão recente de literatura sobre intervenções psicossociais baseadas em evidência para o uso de substâncias, apontou que a Terapia Cognitivo-Comportamental, a Entrevista Motivacional e a Prevenção de Recaída têm demonstrado ser abordagens efetivas para o tratamento do uso de diferentes drogas. Apontou, ainda, a necessidade de realização de maiores pesquisas incluindo a combinação de terapias com o intuito de verificar melhores evidências de tratamento (Jhanjee, 2014). Outro estudo realizado por Soares (2011) traz os resultados de uma revisão sistemática com algumas das evidências mais atuais acerca das intervenções psicossociais dirigidas ao usuário de álcool. Foram incluídos 112 ensaios clínicos randomizados e 22.533 pacientes em tratamento para problemas com o uso de álcool, sendo 74,7% homens. Participaram dos estudos pessoas com diagnóstico de dependência do álcool, ou identificados como bebedores problemáticos sem dependência, como usuários de risco ou que faziam uso excessivo. Foi mostrado que intervenções breves e simples melhoram significativamente os desfechos relacionados ao álcool, embora não levem à altas taxas de abstinência ou de beber moderado. As TCCs, incluindo prevenção de recaída e técnicas baseadas em treino de habilidades, apresentaram resultados significativos tanto a curto quanto a médio prazos, especialmente para que o indivíduo aprendesse a beber de modo controlado ao invés de atingir a abstinência. Dentro das TCCs, os resultados mostram, ainda, que incluir a participação de um parceiro ou esposo aumenta as chances de um bom prognóstico e que a TCC dirigida por um profissional não necessariamente é superior a quando os pacientes seguiam um manual de TCC. Alguns estudos também demonstraram que a intervenção do Alcoólicos Anônimos de 12 passos apresentou resultados positivos quando comparada a tratamentos convencionais e, por fim, que a combinação de intervenções psicossociais a medicações, especialmente à naltrexona, apresentou resultados favoráveis.

Ensaio clínico controlado randomizado são considerados o padrão-ouro para se obter dados relativos à efetividade de uma determinada intervenção (Hulley, Newman, & Cummings, 2008). A fim de assegurar a replicabilidade de um estudo e verificar a confiabilidade dos dados obtidos, a padronização dos procedimentos adotados na realização do mesmo assume grande importância. Protocolos de Estudo compreendem todo o plano de desenvolvimento de uma pesquisa, descrevendo sua relevância, seus objetivos, o delineamento, a metodologia adotada, considerações estatísticas e toda a organização do ensaio clínico que será realizado, permitindo que o mesmo seja reproduzido por diferentes pesquisadores em diferentes momentos (Sajdak, Trembath, & Thomas, 2013).

Um protocolo de estudo é um documento que descreve, em detalhes, o plano para a realização do estudo clínico, explicando sua finalidade e função, bem como a forma de

realizá-lo. A inserção de determinados itens no protocolo faz-se necessária para a sua maior compreensão, como: a razão para o estudo, o cálculo do tamanho da amostra, a elegibilidade, critérios de inclusão e de exclusão, os detalhes da intervenção ou terapia que os participantes irão receber (tais como frequência e dosagens), os dados que serão recolhidos, informações sociodemográficas dos participantes e os desfechos do estudo. Um protocolo padrão único deve ser utilizado sem desvio para assegurar que os resultados serão significativos e confiáveis (Eunice Kennedy Shriver National Institute of Child Health and Human Development).

Nos últimos anos a importância dos protocolos de estudo têm sido mais enfatizadas pelo meio acadêmico (Rennie, 2004; Summerskill, Collingridge, Frankish, 2009) sendo atribuído a eles publicações em periódicos específicos, como os do *Biomedical Central Open Access Publisher* (BMC) e *British Medical Journal* (BMJ) (Jones & Abbasi, 2004). Além de estarem recebendo maior atenção, diretrizes com parâmetros internacionais para relatos de ensaios clínicos randomizados foram desenvolvidos, sendo a iniciativa denominada *Consolidated Standards of Reporting Trials* (CONSORT (Moher et al., 2010) uma das mais utilizadas. Este guia compreende um *checklist* com 25 itens que devem ser relatados pelo pesquisador do ensaio clínico. Estas diretrizes são entendidas como uma forma de facilitar e de tornar transparente os relatos de pesquisa. Ensaios clínicos bem executados fornecem as melhores evidências sobre a eficácia das intervenções em saúde, mas para isso precisam ser bem planejados e desenhados previamente.

2. JUSTIFICATIVA

Como visto, o alcoolismo constitui-se como um grave problema de saúde no Brasil e a oferta de tratamento não se mostra compatível com a demanda. Por razões geográficas, de desconhecimento ou por estigma os indivíduos deixam de buscar auxílio especializado. Estes fatores em conjunto geram uma demanda camuflada de indivíduos com problemas relacionados ao uso de álcool sem atendimento. Neste sentido, faz-se necessário o investimento em abordagens e estratégias de intervenção e de tratamento alternativas para este público.

As abordagens por computador têm demonstrado resultados promissores para o tratamento de transtornos mentais, incluindo os transtornos por uso de substâncias, e podem ser importantes como auxiliares de serviços públicos de saúde para o atendimento a indivíduos geograficamente distantes ou que não chegam até o tratamento.

As TCCs têm demonstrado há décadas serem efetivas para o tratamento deste público. Algumas adaptações desta abordagem para intervenções terapêuticas por internet têm sido realizadas e testadas, porém não foram encontrados estudos deste tipo no país.

É importante que as intervenções clínicas, especialmente voltadas para uma população de difícil tratamento como usuários de álcool e outras drogas, sejam guiadas e embasadas em evidências científicas. Para isto, os ensaios clínicos randomizados são considerados como o método padrão-ouro para avaliar e fornecer evidências para intervenções. Porém, anterior à realização de um ensaio clínico, é fundamental que o estudo seja minuciosamente planejado e descrito de forma que possa fornecer aos pesquisadores e à área acadêmica maior confiabilidade nos resultados encontrados. Essa descrição minuciosa e planejada da intervenção a ser realizada é denominada “protocolo de estudo”.

A seguir serão apresentados os objetivos deste estudo seguidos por três textos: o Texto 1 traz uma revisão de literatura a respeito dos estudos empíricos sobre as intervenções realizadas por internet com a participação de um terapeuta ou mediador para usuários de álcool; o Texto 2 apresenta os resultados da tradução e adaptação de um protocolo clínico de intervenção baseado na Terapia Cognitivo-Comportamental para tratamento de usuários de álcool; o Texto 3 é um artigo que apresenta o protocolo de estudo com a metodologia que será utilizada na realização de um ensaio clínico randomizado que visa avaliar a efetividade da terapia por internet com a presença de um terapeuta para dependentes de álcool. O último

capítulo traz as considerações finais e apresenta, também, as limitações do estudo. Os Textos 1 e 3 serão submetidos para revistas científicas.

3. OBJETIVOS

3.1. Objetivo Geral

- Traduzir e adaptar um manual de tratamento baseado na Terapia Cognitivo-Comportamental de Habilidades de Enfrentamento para dependentes de álcool denominado *Cognitive-Behavioral Coping Skills Therapy Manual* do *Project Match* (Kadden et al., 1995);
- Desenvolver um protocolo de estudo para realização de um ensaio clínico randomizado que vise avaliar a efetividade da Terapia Cognitivo-Comportamental por internet com a presença de um terapeuta para dependentes de álcool.

3.2. Objetivo Específico

- Realizar uma revisão sistemática sobre intervenções terapêuticas desenvolvidas por internet baseadas na Terapia Cognitivo-Comportamental para usuários de álcool com a participação de um terapeuta ou mediador.

4. REFERÊNCIAS

- American Psychological Association Presidential Task Force on Evidence-Based Practice. (2006). Evidence-Based Practice in Psychology. *American Psychologist*, 61 (4), 271-285. doi: 10.1037/0003-066X.61.4.271.
- American Psychiatric Association. (1994). DSM-IV - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. 4. ed. Washington, DC: Associação.
- Atallah, A. N. (2004). A incerteza, a ciência e a evidência. *Diagnóstico e Tratamento*, 9, 27-28.
- Blankers, M., Koeter, M. W., & Schippers, G. M. (2011). Internet therapy versus internet self-help versus no treatment for problematic alcohol use: A randomized controlled trial. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 79 (3), 330-341. doi: 10.1037/a0023498
- Beck, A. T.; Wright, F. D.; Newman, C. F., & Liese, B. S. (1993). Cognitive Therapy of Substance Abuse.
- Brandon, T. H, Vidrine, J. I, & Litvin, E. B. (2007). Relapse and relapse prevention. *Annu Rev Clin Psychol*, 3, 257–284. doi: 10.1146/annurev.clinpsy.3.022806.091455.
- Carey, B. K., Scott-Sheldon, J. A. L., Elliot, C. J., Garey, L., & Carey, P. M. (2012). Face-to-Face versus computer-delivered alcohol interventions for college drinkers: A meta-analytic review, 1998 to 2010. *Clinical Psychology Review*, 32 (8), 690-703. doi:10.1016/j.cpr.2012.08.001
- Carlini, E. A., Galduróz, J. C., Noto, A. R., & Nappo, S. A. (2002). I Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 107 maiores cidades do país – 2001. São Paulo : CEBRID – Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas : UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo.
- Carlini, E. A., Galduróz, J. C., Noto, A. R., Carlini, C. M., Oliveira, L. G., Nappo, S. A., ... Sanchez, Z. V. D. M. (2006). II Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país - 2005. São Paulo : CEBRID – Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas : UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo.
- Collins, S. E., Witkiewitz, K., Kirouac, M., & Marlatt, G. A. (2010). Preventing Relapse Following Smoking Cessation. *Curr Cardio Risk Rep*, 4, 421-428. doi: 10.1007/s12170-010-0124-6.
- Comitê Gestor da Internet no Brasil. (2014). Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil: TIC domicílios e empresas. Recuperado em 03/01/2015 de: <http://www.cgi.br/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-das-tecnologias-de-informacao-e-comunicacao-no-brasil-tic-domicilios-e-empresas-2013/>
- Conselho Federal de Psicologia. (2000). Resolução CFP N° 003/2000 – Regulamenta o atendimento psicoterapêutico mediado por computador. Recuperado em 14/01/2013 de: http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2000/09/resolucao2000_3.pdf.
- Conselho Federal de Psicologia. (2012). Resolução CFP N° 011/2012 – Regulamenta o atendimento psicoterapêutico e outros serviços psicológicos mediados por computador e revoga a Resolução CFP N° 012/2005. Recuperado em 14/01/2013 de: http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/Resoluxo_CFP_nx_011-12.pdf.
- Corrigan, P. (2004). How stigma interferes with mental health care. *American Psychologist*, 59 (7), 614-625. doi: 10.1037/0003-066X.59.7.614
- Christensen, H., Griffiths, K. M., & Jorm, A. F. (2004). Delivering interventions for depression by using the internet: randomized controlled trials. *BMJ Clinical Research*, 328, 265 – 269. doi: 10.1136/bmj.37945.566632.

- Cunningham, J. A. (2012). Comparison of two internet-based interventions for problem drinkers: Randomized controlled trial. *Journal of medical internet research*, 14 (4), 24-30. doi:10.2196/jmir.2090
- Duarte, P. C. A. V., Stempliuk, V. A. Do, & Barroso, L. P. (2009). Relatório brasileiro sobre srogas. Brasília: SENAD – Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas.
- Eunice Kannedy Shriver National Institute of Child Health and Human Development. Recuperado em 15/01/2015 de <https://www.nichd.nih.gov/health/clinicalresearch/clinical-researchers/steps/Pages/prepareprotocol.aspx>.
- Fortin, I., & Cosentino, L. A. M. (2007). Serviço de orientação via e-mail: novas considerações. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 27, (1), 164-175. Recuperado em 12/01/2015 em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-98932007000100014&script=sci_arttext
- Galsworthy-Francis, L., & Allan, S. (2014). Cognitive Behavioural Therapy for anorexia nervosa: A systematic review. *Clinical psychology Review*, 34 (1), 54-72. doi:10.1016/j.cpr.2013.11.001.
- Gomide, H. P., Martins, L. F., & Ronzani, T. M. (2013). É hora de investirmos em intervenções comportamentais computadorizadas no Brasil?. *Psicologia em Estudo*, 18 (2), 303-311. doi: 10.1590/S1413-73722013000200011.
- Gregório, G., Tomlinson, M., Gerolin, J., Kieling, C., Moreira, H. C., Razzouk, D. ... Mari, J. J. de. (2012). Setting priorities for mental health research in Brazil. *Official Journal of the Brazilian Psychiatric Association*, 34 (4), 434-439. doi:10.1016/j.rbp.2012.05.006.
- Hasin, D.S., Stinson, F.S. Ogburn, E., & Grant, B.F. (2007). Prevalence, correlates, disability, and comorbidity of DSM-IV alcohol abuse and dependence in the United States. Results form the National Epidemiologic Survey on Alcohol and Related Conditions. *Archives of General Psychiatry*, 64, 830-842. doi:10.1001/archpsyc.64.7.830
- Hendershot, C. S., Witkiewitz, K., George, W. H., & Marlatt, G. A. (2011). Relapse prevention for addictive behaviors. *Subst Abuse Treat Prev Policy*, 6 (1). doi: 10.1186/1747-597X-6-17.
- Hulley, S. B., Newman, T. B., & Cummings, S. R. (2008). Introdução: anatomia e fisiologia da pesquisa clínica. *Delineando a pesquisa clínica – uma abordagem epidemiológica*. (3ª edição). Porto Alegre: Artmed.
- Hutton, P., & Taylor, P. J. (2013). Cognitive behavioural therapy for psychosis prevention: a systematic review and meta-analysis. *Psychological medicine*, 44 (3), 449-468. doi: 10.1017/S0033291713000354
- Jhanjee, S. (2014). Evidence based psychosocial interventions in substance use. *Indian Journal of Psychological Medicine*. 36 (2), 112-118. doi: 10.4103/0253-7176.130960.
- Jones, G., & Abbasi, K. (2004). Trial protocols at the BMJ [Editorial]. *BMJ*. 329, 1360.
- Kadden, R., Carroll, K., Donovan, D., Cooney, N., Monti, P., Abrams, D., ...& Hester, R. (1995). *Cognitive-Behavioral coping skills therapy manual: A clinical research guide for therapists treating individuals with alcohol abuse and dependence*. National Institute on Alcohol Abuse and Alcoholism. Project Match Monograph Series (v.3), Editor: Margareth E. Mattson, Rockville.
- Laranjeira, R.; Madruga, C. S.; Ribeiro, M.; Pinsky, I.; Caetano, R., & Mitsuhiro, S. S. (2012). II LENAD – II Levantamento nacional de álcool e drogas. São Paulo: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Políticas Públicas do Álcool e Outras Drogas. Universidade Federal de São Paulo. Recuperado em 12/01/2015 em <http://inpad.org.br/lenad/resultados/alcool/press-release/>

- Laranjeira, R.; Pinsky, I.; Zaleski, M., & Caetano, R. (2007) . I levantamento nacional sobre os padrões de consumo de álcool na população brasileira. Brasília: Secretaria Nacional Antidrogas.
- Linke, S., Brown, A., & Wallace, P. (2004). Down your drink: a web-based intervention for people with excessive alcohol consumption. *Alcohol and Alcoholism*, 39 (1), 29-32. doi: 10.1093/alcalc/agh004
- Manser, R., Walters, E. H. (2001). What is evidence-based medicine and the role of the systematic review: the revolution coming yourway. *Monaldi archives for chest disease*, 56, 33-38. Recuperado em <http://europepmc.org/abstract/med/11407207>.
- Marchand, A., Todorov, C., Borgeat, F., & Pelland, M. (2007). Effectiveness of a brief cognitive behavioural therapy for panic disorder with agoraphobia and the impact of partner involvement. *Behavioural and cognitive psychotherapy*, 35 (5), 613-629. doi: 10.1017/S1352465807003888.
- Marlatt, G. A., & Donovan, D. M. (2009). Problemas com álcool e drogas. *Prevenção de recaída: Estratégias de manutenção no tratamento de comportamentos adictivos* (2ª.ed., pp. 15-50). Porto Alegre, Brasil: Artmed Editora.
- Marlatt, G. A., & Gordon, J. R. (1985). *Relapse prevention: Maintenance strategies in the treatment of addictive behaviors*. New York: Guilford Press.
- Melnik, T., & Atallah, A. N. (2011). Psicologia baseada em evidências: articulação entre a pesquisa e prática clínica. *Psicologia baseada em evidências – provas científicas da efetividade da psicoterapia*. Santos editora.
- Miller, W. R., & Rollnick, S. (2001). *Entrevista motivacional – Preparando as pessoas para a mudança de comportamentos adictivos*. Porto Alegre, Brasil: Artmed Editora.
- Moher, D., Hopewell, S., Schulz, K. F., Montori, V., Gotzsche, P. C., Devereaux, P. J., Elbourne, D., Egger, M., & Altman, D. G. (2010). CONSORT 2010 Explanation and Elaboration: updated guidelines for reporting parallel group randomised trials. *BMJ*, 340, c869. doi: 10.1136/bmj.c869.
- Organização Mundial de Saúde. (2014). Global status report on alcohol and health. Genebra: Organização Mundial de Saúde.
- Pieta, M. A. M., & Gomes, W. B. (2014). Psicoterapia pela internet: viável ou inviável?. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 34 (1), 18-31. doi: 10.1590/S1414-98932014000100003
- Postel, G. M., Hann, A. H., Huurne, D. E., Becker, S. E., & Jong, A. J. C. (2010). Effectiveness of a web-based intervention for problem drinkers and reasons for dropout: randomized controlled trial. *Journal of Medical Research*, 12 (4). doi: 10.2196/jmir.1642
- Prado, O. Z., & Meyer, S. B. (2006). Avaliação da relação terapêutica na terapia assíncrona via internet. *Psicologia em Estudo*, 11 (2), 247-257. doi: 10.1590/S1413-73722006000200003
- Presidência da República – Casa Civil. (2010). Decreto Nº 7.175, de 12 de maio de 2010 – Institui o Programa Nacional de Banda Larga - PNBL; dispõe sobre remanejamento de cargos em comissão; altera o Anexo II ao Decreto nº 6.188, de 17 de agosto de 2007; altera e acresce dispositivos ao Decreto nº 6.948, de 25 de agosto de 2009; e dá outras providências. Recuperado em 02/01/2015 em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2007-2010/2010/Decreto/D7175.htm
- Prochaska, J. O. & DiClemente, C. C. (1982). Transtheoretical therapy: Toward a more integrative model of change. *Psychotherapy: Theory, Research and Practice*, 19 (3), 276-288. doi: 10.1037/h0088437
- Rennie, D. (2004). Trial registration: a great idea switches from ignored to irresistible. *JAMA*, 292, 1359-1362. doi:10.1001/jama.292.11.1359.
- Riper, H., Andersson, G., Hunter, S. B., Wit, J., Berking, M., & Cuijpers, P. (2014). Treatment of comorbid alcohol use disorders and depression with cognitive-behavioural

- therapy and motivational interviewing: a meta-analysis. *Addiction*, 109 (3), 394-406. doi: 10.1111/add.12441.
- Sajdak, R., Trembath, L., & Thomas, K. S. (2013). The Importance of Standard Operating Procedures in Clinical Trials. *Journal of Nuclear Medicine Technology*. 41 (3), 231-233. doi:10.2967/jnmt.113.121467
- Soares, B. G. (2011). A Efetividade das Intervenções Psicoterápicas no Tratamento dos Distúrbios por Uso de Álcool. In: Tamara Melnik, Álvaro Nagib Atallah (org). *Psicologia Baseada em Evidências: Provas Científicas da Efetividade da Psicoterapia*. São Paulo: Santos Editora, Grupo Editorial Nacional.
- Spring, B. (2007). Evidence-Based practice in clinical psychology: What it is, why it matters; what you need to know. *Journal of Clinical Psychology*, 63 (7), 611-631. doi: 10.1002/jclp.20373
- Summerskill, W., Collingridge, D., & Frankish, H. (2009). Protocols, probity, and publication. *Lancet*, 373, 992. doi: 10.1016/S0140-6736(09)60590-0
- Witkiewitz, K., & Marlatt, A. G. (2004). Relapse Prevention for Alcohol and Drug Problems: That Was Zen, This Is Tao. *American Psychologist*, 59, 224-235. doi: 10.1037/0003-066X.59.4.224
- Witkiewitz, K., Marlatt, G. A., & Walker, D. (2005). Mindfulness-Based Relapse Prevention for Alcohol and Substance Use Disorders. *J Cogn Psychother*, 19, 211-228. doi: 10.1891/jcop.2005.19.3.211.
- White, J., Jones, R., & McGarry, E. (2009). Cognitive behavioural computer therapy for the anxiety disorders: a pilot study. *Journal of Mental Health*, 9 (5), 505-516. Recuperado em 12/01/2015 em <http://web.a.ebscohost.com.ez25.periodicos.capes.gov.br/ehost/detail/detail?sid=5fb4c479-6bdd-4aa0-9bcd-6144ecb60557%40sessionmgr4002&vid=1&hid=4212&bdata=Jmxhbmc9cHQtYnImc2l0ZT1laG9zdC1saXZl#db=c8h&AN=2001017323>
- Wright, F. D., Basco, M. R., & Thase, M. E. (2008). Princípios básicos da terapia cognitivo-comportamental. *Aprendendo a terapia cognitivo-comportamental – um guia ilustrado*. Porto Alegre: Artmed.
- Wright, F. D., Beck, A. T., Newman, C. F., & Liese, B. S. (1993). Cognitive therapy of substance abuse: theoretical rationale. In Lisa Simon Onken, Jack D. Blaine, John J. Boren (Editores). *National Institute on Drug Abuse. Research. Monograph Series – Behavioral Treatments for Drug Abuse and Dependence*. NIDA Research Monograph.

5: TEXTO 1

INTERVENÇÕES TERAPÊUTICAS POR INTERNET PARA USUÁRIOS DE ÁLCOOL: UMA REVISÃO DE LITERATURA

RESUMO

O interesse em estudar intervenções terapêuticas realizadas por computador têm aumentado. Neste artigo foi realizada uma revisão sistemática para avaliação de estudos empíricos sobre intervenções com um terapeuta realizadas por internet para usuários de álcool, a partir das bases de dados Medline, PsycINFO, Lilacs e Scielo. Dos 61 artigos pré-selecionados, cinco preenchem os critérios de inclusão, todos em língua inglesa, nenhum realizado no Brasil. Por meio da análise de conteúdo, foram avaliados os objetivos, população, metodologia, intervenções e resultados principais. Os estudos eram focados em usuários problemáticos, utilizaram a Terapia Cognitivo-Comportamental breve e metodologia experimental. Embora com limitações metodológicas, os resultados dos estudos apontam que as intervenções por internet foram mais efetivas do que o controle. A presença do mediador influenciou de maneira variada. Concluiu-se que a intervenção online pode ser útil, porém o efeito da presença do mediador necessita de melhor investigação.

Palavras-chave: bebidas alcoólicas; alcoolismo; terapia assistida por computador; telemedicina

ABSTRACT

The interest in studying web-based interventions has increased. This paper presents a systematic review to evaluate empirical studies on interventions with a therapist conducted by internet for alcohol users, based on the Medline, PsycINFO, Lilacs and Scielo databases. Of the 61 pre-selected articles, five met the inclusion criteria, all in English, none in Brazil. Through content analysis, objectives, population, methodology, interventions and key outcomes were assessed. The studies were focused on problematic alcohol users, used brief cognitive-behavioral therapy and experimental methodology. Although with methodological limitations, the results of the studies indicate that interventions by internet were more effective than control. The influence of the therapist varied between studies. We concluded that online intervention can be helpful, but the effect of the presence of the mediator needs further investigation.

Keywords: alcoholic beverages; alcoholism; computer-assisted therapy; telemedicine

Introdução

O uso de álcool e suas consequências permanece como um grave problema de saúde pública no Brasil e no mundo. Levantamentos epidemiológicos mostraram que 12,3% da população brasileira era dependente de álcool (Carlini & Galduróz, 2007) e que 60% dos homens e 33% das mulheres consumiram ao menos cinco doses de bebidas na vez em que mais beberam no último ano (Laranjeira, Pinsky, Zaleski & Caetano, 2007). Porém, a porcentagem dos que procuraram tratamento devido ao abuso de álcool e outras drogas foi baixa, correspondendo a 2,9% no total no ano de 2005 (Carlini & Galduróz, 2007).

Muitos usuários de álcool e outras drogas ou que se encaixam nos quadros de transtornos mentais, não buscam tratamento devido ao rótulo negativo que podem receber, ou seja, ao estigma associado a essas pessoas (Corrigan, 2004). Além disso, os tratamentos são caros e exigem formação especializada, sendo acessíveis a uma minoria (Brown *et al.*, 2009). No Brasil, em termos de serviços públicos, a cobertura de Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) é de 57%, sendo insuficiente, especialmente em cidades menores e regiões como Centro-Oeste, Norte e Nordeste (Duarte, Stempliuk & Barroso, 2009).

Tratamentos baseados em computador podem melhorar o acesso e a aceitabilidade de tratamentos para indivíduos com transtornos psiquiátricos (Bewick *et al.*, 2008; Cuijpers, van Straten & Andersson, 2008), além de apresentarem evidências de serem mais custo-efetivos (Olmstead, Ostrow & Carrol, 2010). Nos últimos anos existe grande interesse em se avaliar intervenções realizadas pela internet para transtornos relacionados à depressão, ansiedade, tabaco, bebidas alcoólicas e comer compulsivo (Kaltenthaler, Parry, Beverley & Ferriter, 2008, Shiffman, Paty, Rohay, DiMarino & Gitchell, 2001, White, Jones & McGarry, 2009, Cunningham, 2012). Rooke, Thorsteinsson, Karpin, Copeland e Allsop (2010) realizaram uma metanálise incluindo 34 estudos relacionados a intervenções via computador para usuários de tabaco e álcool. Os pesquisadores identificaram que os tratamentos computadorizados tiveram

um efeito significativo, obtendo melhor custo-benefício e acessibilidade aos pacientes, embora algumas críticas metodológicas tenham sido observadas nos estudos.

Em uma metanálise realizada por Carey, Scott-Sheldon, Elliott, Garey e Carey (2012) buscou-se comparar intervenções para o uso de álcool realizadas face-a-face com aquelas desenvolvidas através do computador. Observou-se que, comparadas a um grupo controle, ambas as modalidades de intervenção produziam maior redução do consumo, frequência e dos problemas relatados devido ao consumo de álcool, porém, esses efeitos não se mantinham a longo prazo no grupo submetido a intervenção online. Comparações diretas entre ambas as intervenções foram infrequentes, mas estes estudos favoreceram as intervenções face-a-face em medidas como a quantidade do consumo de álcool e os problemas relacionados ao seu uso. Por outro lado, os resultados foram diferentes para os indivíduos com um padrão *binge* de beber. Avaliações a longo prazo apontaram que o beber pesado reduziu-se mais entre os participantes das intervenções online do que entre os participantes das intervenções presenciais.

Em outra metanálise, White *et al.* (2010) buscaram analisar a eficácia das intervenções online para o abuso do álcool, analisando 17 ensaios clínicos randomizados. Os autores mostraram que existem evidências de que os usuários podem se beneficiar de intervenções online, principalmente mulheres, jovens e usuários de risco que, comumente, não frequentam tratamentos tradicionais. No entanto, os estudos também apresentam uma série de limitações quanto a amostra, tamanho do efeito e heterogeneidade de avaliação. É sugerido, além de outros fatores, que se avalie melhor o efeito da inclusão de intervenções face-a-face.

Intervenções realizadas somente pelo computador, sem a participação de um mediador, apresentam a vantagem de serem amplamente disponíveis, terem um menor custo, e mais facilmente acessíveis. Por outro lado, as intervenções tradicionais realizadas face-a-face com um terapeuta, especialmente as baseadas na Terapia Cognitivo-Comportamental

(TCC) e Entrevista Motivacional (EM), têm recebido suporte empírico, não somente para os transtornos relacionados ao uso de álcool e outras drogas, mas para diversos transtornos psiquiátricos (Carroll & Onken, 2005, Baker *et al.*, 2009).

Neste sentido, algumas revisões e metanálises tem buscado avaliar a efetividade dos estudos de terapia realizada por computador para diferentes transtornos (Barak, Hen, Boniel-Nissim & Shapira, 2008). Gainsbury e Blaszczynski (2011) apontam algumas vantagens da realização da terapia por internet para pessoas que fazem uso abusivo de drogas, como: o aumento da inclusão no tratamento de populações que normalmente não buscam auxílio; a facilidade de fazer a consulta pela internet pela falta de contato direto com o terapeuta; o suporte empírico da efetividade da TCC e da EM; a maior custo-efetividade em relação às terapias presenciais e a maior acessibilidade. No entanto, não está claro na literatura se o contato com um terapeuta ou mediador pode interferir nos resultados do tratamento de pessoas com problemas com uso de álcool, já que se trata de um grupo com dificuldades de adesão ao tratamento e de melhora.

Revisões sistemáticas e metanálises são métodos que podem ser eficazes para a melhor compreensão de um conjunto de evidências empíricas sobre este tema ainda pouco estudado. Este estudo teve como objetivo realizar uma revisão sistemática da literatura acerca de intervenções realizadas por internet com um mediador para usuários de álcool entre estudos empíricos publicados em periódicos indexados em quatro bases de dados. Como objetivo específico, buscou-se identificar os principais indicadores bibliométricos das produções e através da análise de conteúdo identificar as principais características dos estudos.

Método

Foram consultadas as bases de dados Medline (PubMed), PsycINFO, Lilacs e Scielo, utilizando-se descritores anexados pelas próprias bases através de um controle de vocabulário

específico. Para um melhor resultado, os termos selecionados foram cruzados entre si utilizando-se os operadores booleanos “OR” e “AND”.

Para a pesquisa na Medline (Pubmed) os termos utilizados foram: “Alcoholism” OR “Alcohol” OR “Alcohol Abuse” OR “Alcohol Dependence” OR “Alcohol Related-Disorders” AND “Therapy” OR “Psychotherapy” OR “Internet Intervention” OR “Telemedicine” OR “Therapy, Computer-Assisted” OR “Web Based Intervention”. Estes termos foram baseados no *Medical Subject Heading Terms (Mesh Terms – MeSH)* desenvolvido pela *U.S. National Library of Medicine* que é utilizado como método de controle de vocabulário para esta base.

Os termos utilizados na base de dados PsycINFO foram: “Alcoholism” (usado para *Alcohol Addiction* e *Alcohol Dependence*) OR “Alcohol Abuse” AND “Telemedicine” (usado para *Telehealth*) OR “Computer Assisted Therapy” OR “Computer Mediated Communication” OR “Internet” OR “Health Care Services” OR “Therapeutic Processes” OR “Online Therapy” (usado para *Web Based Mental Health Services*, *E-therapy*, *Cybercounseling*, *Internet Counseling*, *Teletherapy*) OR “Psychotherapy”. Estes termos foram retirados do *Thesaurus of Psychological Index Terms*, desenvolvido pela *American Psychological Association*, utilizado como método de controle de vocabulário por esta base.

Já para a pesquisa nas bases de dados Lilacs e Scielo os termos utilizados foram retirados dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCs) elaborados pelo Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (BIREME) a partir do vocabulário do MeSH e correspondem a: “Alcoholism” OR “Alcohol Related-Disorders” OR “Alcohol Drinking” AND “Telemedicine” OR “Therapy, Computer-Assisted” OR “Internet” AND “Therapy” OR “Psychotherapy” OR “Psychotherapy Brief”.

Procedimentos e Critérios de Inclusão e Exclusão

Os descritores de cada base de dados estavam presentes no título e no resumo dos trabalhos. Foram incluídos estudos empíricos que estivessem nas línguas inglesa, espanhola e portuguesa, publicado até agosto de 2013, que preenchesse os seguintes critérios: a) conter intervenção realizada por computador para usuários de álcool; b) ao menos uma intervenção deveria ser mediada por um terapeuta/profissional de saúde. Foram excluídos revisões, teses ou dissertações, livros ou capítulos de livros.

A busca nas bases de dados trouxe como resultado 274 resumos. Destes, 103 foram retirados por estarem duplicados e 110 por não preencherem os critérios de inclusão (19 tratavam-se de revisões, 2 estavam em outros idiomas e 89 eram artigos que abordavam descrições de programas de intervenção, relatos de caso, entre outros temas que não nos eram pertinentes no momento), restando 61 resumos.

Os 61 resumos foram divididos nas seguintes categorias: Intervenções sem mediador para prevenção do uso de álcool e outras drogas (N = 10), Intervenções terapêuticas sem mediador para usuários de álcool e outras drogas (N = 37), Intervenções realizadas por telefone (N = 6) e Intervenções com mediador para usuários de álcool (N = 8), foco deste estudo. Três artigos desta última categoria foram retirados, pois sua versão completa não estava disponível para acesso livre, restando cinco estudos.

Os cinco estudos foram analisados pelos seguintes indicadores bibliométricos: autoria, ano de publicação, periódico e idioma de publicação. Em seguida foram submetidos a análises qualitativas do conteúdo de cada artigo com o propósito de identificar os principais temas abordados nos objetivos, população alvo, métodos e intervenções utilizados e principais resultados. Para a análise qualitativa, foi utilizada a Análise de Conteúdo.

Resultados

Indicadores Bibliométricos

Em relação à autoria, Frances J. Kay-Lambkin, Amanda L. Baker, Terry J. Lewin, da *University of Newcastle* – Austrália, tiveram participação na elaboração de dois trabalhos. Um destes estudos contou, ainda, com a participação de Brian Kelly e o outro com a participação de Vaughan J. Carr, também pertencentes ao corpo docente da *University of Newcastle*. Os demais estudos não tiveram autoria compartilhada. Um deles foi elaborado pelos pesquisadores [Marloes G. Postel](#), [Hein A. de Haan](#), [Elke D. ter Huurne](#), [Eni S. Becker](#) e [Cor AJ de Jong](#) pertencentes a institutos de pesquisa localizados na Holanda. Outro teve a autoria dos pesquisadores Matthijs Blankers, Maarten W. J. Koeter, Gerard M. Schippers pertencentes ao *Academic Medical Center* e a *University of Amsterdam* também localizados na Holanda. O último artigo a ser analisado, teve como autores B. Christopher Frueh, Scott Henderson and Hugh Myrick do *Medical University of South Carolina* do Estado da Carolina do Sul nos Estados Unidos. Dentre os cinco trabalhos, um fora publicado em 2005, um em 2009, um em 2010 e dois em 2011. Quanto aos periódicos em que os artigos foram veiculados temos os seguintes: *The Medical Journal of Australia*, *Addiction*, *Journal of Medical Internet Research*, *Journal of Consulting and Clinical Psychology* e *Journal of Telemedicine and Telecare*. Todos os trabalhos foram publicados em língua inglesa.

Por meio da análise de conteúdo foram identificados os objetivos, a população alvo do estudo, a metodologia e os principais resultados obtidos. A Tabela 1 sumariza as características dos cinco estudos incluídos na análise de conteúdo. [INSERIR TABELA].

Objetivos, População Alvo e Instrumentos

A população alvo dos estudos se dividiu em dois tipos: aqueles com problemas com álcool e outros transtornos psiquiátricos e aqueles somente com problemas com álcool. Um estudo focou nos dependentes de álcool e o restante em bebedores problemáticos ou que faziam uso abusivo de álcool. Todos os estudos incluíram somente adultos maiores de 18

anos. Quatro estudos utilizaram instrumentos de triagem e não de diagnóstico do uso de álcool. A forma de recrutamento também foi variada, já que alguns fizeram o recrutamento via internet enquanto outros diretamente em locais de tratamento. Quatro estudos objetivaram avaliar a eficácia, efetividade ou resultados da intervenção (Tabela 1) com exceção do estudo de [Postel](#), [Haan](#), [Huurne](#), [Becker](#) e [Jong](#) (2010) que focou na avaliação das razões do abandono.

Kay-Lambkin, Baker, Kelly e Lewin (2011) buscaram comparar uma intervenção desenvolvida através do computador com uma realizada por um terapeuta para pessoas com depressão e transtornos devido ao uso abusivo de álcool e/ou cannabis. Para isso foram incluídos no estudo 274 indivíduos que apresentaram escore superior a 17 no Inventário Beck de Depressão II (BDI-II) e que faziam uso abusivo de álcool e/ou cannabis.

Outro estudo conduzido pelo mesmo grupo (Kay-Lambkin, Baker, Lewin & Carr, 2009) avaliou a eficácia de duas formas de intervenção em 97 indivíduos com as mesmas características e instrumentos do estudo anterior. Os resultados foram comparados a um grupo controle que não recebeu tratamento.

[Postel](#) *et al.* (2010) avaliaram um programa de terapia desenvolvido através do computador com o envolvimento ativo de um terapeuta e investigaram de forma sistemática as razões para o abandono da terapia. Os 156 participantes, que faziam uso problemático de álcool (critérios do país), foram recrutados através de um website.

Blankers, Koeter e Schippers (2011) avaliaram a efetividade da terapia com terapeuta e terapia de autoajuda, ambas pela internet, para usuários problemáticos de álcool. Os 205 participantes foram recrutados através de um website e deveriam possuir seguro de assistência a saúde, acesso a internet de sua casa, fazer uso de risco de álcool de acordo com o *Alcohol Use Disorders Identification Test* (AUDIT) e relatar consumir uma média de 14 doses padrão por semana.

Frueh, Henderson e Myrick (2005) avaliaram os resultados de uma intervenção desenvolvida por videoconferências (telepsiquiatria) em 18 homens com dependência de álcool em tratamento. As principais medidas avaliadas foram: a satisfação e aceitabilidade do tratamento, a adesão e o abandono do tratamento, a credibilidade da terapia e o nível de sobriedade adquirido. A presença de outras formas de psicopatologia, assim como o abuso de outras substâncias não foi um critério para exclusão.

Metodologia e intervenções dos estudos

Todos os estudos utilizaram metodologia quantitativa e quatro deles basearam-se em métodos experimentais empregando aleatorização dos sujeitos entre os grupos, com exceção do estudo de Frueh *et al.* (2005) que avaliou somente a mudança em um mesmo grupo. No entanto, nenhum deles incluiu cálculo de amostra representativa. Quanto ao conteúdo das intervenções, os cinco estudos basearam-se na TCC e/ou EM e possuíam sessões individuais, com exceção do estudo de Frueh *et al.* (2005), com sessões grupais. No entanto, o papel mediacional do terapeuta foi variado. Em quatro estudos, o terapeuta se comunicava com o indivíduo no mesmo momento, ou seja, de forma síncrona. Apenas no estudo de [Postel et al.](#) (2010) o contato com o terapeuta era feito de maneira exclusivamente assíncrona.

No ensaio clínico randomizado de Kay-Lambkin *et al.* (2011), inicialmente, todos os indivíduos participaram de uma sessão de avaliação de linha de base e de uma intervenção breve face-a-face com um terapeuta e, em seguida, foram aleatoriamente alocados em um dos três braços do estudo: intervenção baseada na EM e TCC desenvolvida por um terapeuta; intervenção baseada na EM e TCC desenvolvida através do computador (com uma breve assistência presencial do terapeuta no final de cada sessão, com a finalidade de checar como a mesma se deu) ou uma terapia centrada no indivíduo (consistia de um aconselhamento dado por um terapeuta) como forma de grupo controle. Os três grupos, recebiam nove sessões

individuais, semanais com duração de 60 minutos. Os participantes foram submetidos a uma avaliação de seguimento três meses após o início do estudo.

Kay-Lambkin *et al.* (2009) conduziram um estudo controlado randomizado no qual o indivíduo participava de uma avaliação de base presencial para dar início a primeira fase do tratamento: participar de uma intervenção breve presencial. Em seguida o sujeito era randomizado para um dos três braços do estudo: intervenção presencial com um terapeuta, intervenção de autoajuda realizada via computador ou não receber nenhum tratamento. As intervenções possuíam nove sessões e apresentavam o conteúdo idêntico, baseadas na EM e TCC. Os indivíduos foram avaliados 3, 6 e 12 meses após o início das intervenções com os mesmos instrumentos utilizados na avaliação inicial.

No estudo de Postel *et al.* (2010), os indivíduos foram aleatoriamente distribuídos para o grupo de terapia desenvolvida através da internet ou para o grupo controle (lista de espera). O grupo de *e*-terapia foi estruturado em duas partes e a comunicação entre o terapeuta e o paciente se dava de forma assíncrona pela internet, através de emails. A terapia desenvolvida via computador teve a duração de três meses, havendo um ou dois contatos com o terapeuta por semana e o auto registro diário elaborado pelo paciente durante todo o tratamento.

Blankers *et al.* (2011) incluíram a modalidade de terapia auto aplicada. Os participantes selecionados foram convidados a realizar por email a avaliação inicial e, posteriormente, as avaliações de seguimento 3 e 6 meses após o início do estudo. Os participantes foram alocados aleatoriamente em um dos três grupos: terapia baseada na internet com um terapeuta, terapia de auto ajuda realizada com um programa de computador e um grupo controle de lista de espera onde não foi fornecido nenhum tratamento. Ambas as intervenções foram baseadas na TCC e EM. Na terapia de auto ajuda baseada na internet, a informação é apresentada ao participante a partir de textos base e o feedback sobre o seu consumo é fornecido a partir de tabelas e gráficos. Os participantes podiam acessar o

programa de auto ajuda a qualquer momento, porém, era sugerido o acesso diário durante 4 semanas. Já na terapia baseada na internet, a comunicação entre o paciente e o terapeuta se dava através de duas vias: por email, onde são realizados apontamentos sobre cada sessão e através de um chat. A intervenção possui sete sessões realizadas através do chat com duração de 40 minutos cada.

No estudo de Frueh *et al.* (2005) a avaliação foi realizada somente em um grupo de pacientes em tratamento. Os participantes receberam oito sessões de terapia de grupo durante um período de quatro semanas através de videoconferências ministradas por um conselheiro credenciado. Essas sessões fizeram parte de um programa maior de tratamento, que incluía, ainda, sessões de terapia presencial individual intercaladas as sessões de videoconferência. As sessões de videoconferência tinham duração de uma hora e incluíam de dois a sete participantes. O conteúdo terapêutico trabalhado nas sessões focava estratégias de prevenção de recaída (PR), baseadas na TCC. Após as quatro semanas de intervenção, os participantes foram submetidos a medidas de avaliação para verificar sua percepção da intervenção e determinar seu grau de sobriedade.

Principais resultados e limitações dos estudos

Ambos os estudos que realizaram a intervenção para indivíduos com problemas com álcool, canabis e depressão encontraram resultados positivos. No estudo de Kay-Lambkin *et al.* (2011), a intervenção centrada no indivíduo (controle) apresentou níveis de redução menores do que a intervenção desenvolvida pelo terapeuta e a desenvolvida através do computador, tanto na depressão, quanto no uso de álcool e/ou cannabis, no seguimento de 3 meses. A terapia pelo computador apresentou resultados equivalentes à intervenção desenvolvida pelo terapeuta em relação a depressão, mas apresentou resultados superiores no que diz respeito à redução do consumo de álcool. A principal limitação existente no estudo foi

que as respostas aos tratamentos foram obtidas em um prazo curto, tornando-se necessário um acompanhamento a longo prazo para uma maior fundamentação das conclusões obtidas. No entanto, temos a intervenção desenvolvida através do computador como uma grande promessa e que deve ser melhor investigada.

No estudo de Kay-Lambkin *et al.* (2009), em relação ao uso de álcool, a intervenção desenvolvida presencialmente por um terapeuta apresentou maior efeito se comparada ao grupo que recebeu a intervenção via computador e aquele que não recebeu tratamento (que recebeu, apenas, a intervenção breve no início do estudo). Porém, apesar de apresentar resultados mais imediatos, apresentou, também, maiores taxas de recaída no período de 3 e 12 meses de avaliação do que a intervenção desenvolvida via computador. O estudo apresenta algumas limitações, como o pequeno tamanho da amostra que reduz o poder do estudo em detectar as diferenças entre os grupos. Replicações foram sugeridas para explorar melhor as observações realizadas.

Postel *et al.* (2010), que usaram a lista de espera como grupo controle, mostraram que os indivíduos que participaram do grupo de *e*-terapia tiveram maior redução do consumo de bebidas alcoólicas durante a semana em comparação com o grupo controle (o grupo de *e*-terapia reduziu 28.8 unidades do seu consumo semanal e o grupo controle reduziu 3.1 unidades).

Blankers *et al.* (2011), que utilizaram duas formas de terapia por computador (com e sem terapeuta) e a lista de espera, descobriram que, na avaliação de seguimento realizada 3 meses após o início do estudo, os participantes de ambas as modalidades de intervenção apresentaram maior redução do consumo em comparação a lista de espera. As intervenções obtiveram resultados diferentes somente na avaliação de 6 meses, em que o grupo submetido a terapia com o terapeuta manteve uma maior redução do consumo em relação ao grupo do programa de auto ajuda. No geral, os resultados sustentam a efetividade de ambas as formas

de intervenção, porém, a longo prazo, a terapia realizada de forma mais intensiva e com o contato efetivo de um terapeuta apresentou melhores resultados.

No estudo de Frueh *et al.* (2005), embora com uma amostra pequena, foi possível apontar um alto nível de satisfação e de aceitabilidade da telepsiquiatria. Os indivíduos sentiram-se mais confortáveis nas sessões de videoconferência em grupo do que nas individuais no qual o terapeuta estava presente e 82% afirmaram que recomendariam o serviço a algum amigo ou familiar. Apesar das limitações presentes no trabalho, como um tamanho de amostra reduzido, a falta de um grupo controle e desfechos clínicos insuficientes, tratou-se de um estudo piloto que buscou mostrar a viabilidade do uso da telepsiquiatria na prestação de cuidados especiais a adultos com histórico de dependência de substâncias alcoólicas e tem como propósito incentivar a realização de futuros ensaios clínicos controlados randomizados.

Discussão

As intervenções realizadas por internet podem ser uma alternativa de tratamento mais acessível para pessoas com problemas com uso de álcool e outras drogas. Estudos que investigam o efeito da psicoterapia com um mediador realizada pela internet para usuários de álcool são raros e predominantes em língua inglesa.

Estudos sobre intervenções online sem a participação efetiva de um terapeuta têm atualmente maior investimento (Rooke *et al.*, 2010; White *et al.*, 2010). Rooke *et al.* (2010) e White *e al.* (2010) encontraram algumas dezenas de trabalhos utilizando as intervenções computadorizadas para o tratamento da dependência de álcool e da combinação de álcool e tabaco. A maioria dos estudos encontrados utilizava uma forma de autoterapia, em que o indivíduo estabelecia uma relação interativa com várias mídias do computador (como vídeos e avaliações), sem a presença constante de um terapeuta ou de sessões definidas de terapia.

Embora estes trabalhos apresentassem falhas metodológicas, dificultando a definição de sua efetividade, a maioria dos estudos encontrou bons resultados.

No entanto, pouco se sabe sobre a terapia com mediador, mesmo para outros transtornos e comportamentos. Gainsbury e Blaszczynski (2011) realizaram uma revisão sistemática para identificar os estudos sobre terapia por internet com a presença constante de um terapeuta para pessoas com comportamentos compulsivos. Apenas nove estudos foram identificados, sendo que sete eram para dependentes de tabaco, um para dependentes de internet e um para usuários drogas.

Além disso, a maioria dos estudos, que incluem ou não o mediador, focaram em amostras com o padrão de uso problemático, de risco, ou abusivo de álcool, sendo raros os estudos que avaliam dependentes (Bickel, Marsch, Buchhalter & Badger, 2008). Dentre os artigos selecionados nesta revisão, somente um estudo incluiu dependentes de álcool nas intervenções (Frueh *et al.*, 2005), em que se observou um tratamento mais intensivo. É importante que as intervenções sejam diferenciadas para os variados padrões de uso de álcool e outras drogas. Neste sentido, é necessária melhor investigação quanto ao efeito das intervenções online para os dependentes de álcool e a influência do terapeuta nestas intervenções.

Quanto ao referencial teórico todos os estudos utilizaram a TCC e seus derivados como a EM e PR. Estas modalidades de terapia também foram utilizadas nos estudos sobre intervenções online sem terapeuta.

Os resultados obtidos sugerem que a terapia desenvolvida através do computador com a participação efetiva de um terapeuta – seja por vias de videoconferências, por comunicação assíncrona através de emails, por comunicação síncrona através de chats e textos ou por breves encontros com o terapeuta ao final da intervenção online – para indivíduos com uso problemático de álcool pode ser utilizada como uma nova abordagem terapêutica para o

auxílio e tratamento dessa população específica. No entanto, a avaliação de sua efetividade não está clara. Embora quatro estudos tenham utilizado um desenho de ensaio clínico randomizado, o tamanho do efeito dos estudos não permite a generalização dos resultados. Do mesmo modo, a diferença nas medidas de resultados utilizadas, metodologia e intervenções e tempo de terapia não permite sua comparação direta. Por outro lado, foi possível obter a informação de que a maioria dos pacientes terminaram o processo terapêutico e de que alguns participaram de, ao menos, uma avaliação de seguimento de 6 meses.

Os principais resultados apontam que a terapia por computador com terapeuta e as terapias presenciais geraram efeitos semelhantes quanto à redução do consumo de álcool, o que pode indicar que o computador parece ter sido bem aceito nas amostras utilizadas. Em comparação com grupos que não receberam tratamento, a diminuição do consumo de álcool foi significativamente maior entre aqueles que fizeram terapia por computador, indicando que a modalidade via computador merece investimento. Já em relação à modalidade auto aplicada, os resultados indicam que pode haver diferença na manutenção da abstinência por mais tempo entre aqueles que fizeram a terapia com o terapeuta.

Além de mais estudos sobre a efetividade de intervenções auto aplicadas ou mediadas por um terapeuta, é necessário maior investigação sobre a relação custo-efetividade entre a inclusão ou não de um terapeuta para intervenções de pacientes com comportamento compulsivo, como os usuários de álcool e outras drogas.

Considerações Finais

Apesar das limitações existentes nos estudos os resultados fornecem pistas de que a terapia realizada através do computador pode beneficiar e contribuir para a redução do consumo de álcool. As intervenções online não têm sido propostas com o objetivo de substituir as terapias tradicionais, mas como uma modalidade adicional e acessível. No

entanto, há necessidade de mais estudos que mostrem sua efetividade e eficácia. Não foram encontrados estudos realizados no Brasil ou na América do Sul. Dadas as diferenças populacionais e contextuais existentes entre os países, torna-se pertinente a realização de avaliações com estas populações.

Limitações

Este estudo apresenta como limitações a não inclusão de todas as bases de dados e a restrição para artigos de língua inglesa, espanhola e portuguesa. Além disso, o procedimento de controle de vocabulário empregado a partir de cada base de dados pode ter limitado os trabalhos encontrados, mas, por outro lado, oferece maior sistematização e possibilita a replicação dos resultados.

Referências Bibliográficas

- Baker, A.L., Kavanagh, D.J., Kay-Lambkin, F.J., Hunt, S.A., Lewin, T.J., Carr, V.J. & Connolly, J. (2010). Randomized controlled trial of cognitive-behavioral therapy for coexisting depression and alcohol problems: short-term outcome. *Addiction*, 105 (1), 87-99.
- Barak, A., Hen, L., Boniel-Nissim, M. & Shapira, N. (2008). A Comprehensive Review and a Meta-Analysis of the Effectiveness of Internet-Based Psychotherapeutic Interventions. *Journal of Technology in Human Services*, (26), 109 – 160.
- Bewick, B. M., Trusler, K., Barkham, M., Monte, A. J., Cahill, J. & Mulhern, B. (2008). The effectiveness of web-based interventions designed to decrease alcohol consumption — a systematic review. *Preventive Medicine*, (47), 17-26.
- Bickel, W. K., Marsch, L. A., Buchhalter, A. R. & Badger, G. J. (2008). Computerized behavior therapy for opioid-dependent outpatients: a randomized controlled trial. *Experimental and Clinical Psychopharmacology*, 16 (2), 132-143.
- Blankers, M., Koeter, M. W. & Schippers, G. M. (2011). Internet therapy versus internet self-help versus no treatment for problematic alcohol use: A randomized controlled trial. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 79 (3), 330-341.
- Brown, C. H., Ten-Have, T. R., Jo, B., Dagne, G., Wyman, P. A., Muthén, B. Gibbons, R. D. (2009). Adaptive designs for randomized trials in public health. *Annual Review of Public Health*, 30, 1-25.
- Carlini, E. A., & Galduróz, J. C. (2007). *II Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país*. Brasília: Secretaria Nacional Antidrogas (SENAD).
- Carey, B. K., Scott-Sheldon, J. A. L., Elliot, C. J., Garey, L. & Carey, P. M. (2012). Face-to-face versus computer-delivered alcohol interventions for college drinkers: A meta-analytic review, 1998 to 2010. *Clinical Psychology Review*, 32, pp. 690-703.
- Carroll, K. M. & Onken, L. S. (2005). Behavioral therapies for drug abuse. *American Journal of Psychiatry*, 162, 1452–1460.
- Corrigan, P. (2004). How stigma interferes with mental health care. *American Psychologist*, 59 (7), 614-625.
- Cuijpers, P., van Straten, A. & Andersson, G. (2008). Internet-administered cognitive behavior therapy for health problems: a systematic review. *Journal of Behavioral Medicine*, 31 (2), 169-177.

- Cunningham, J. A. (2012). Comparison of two internet-based interventions for problem drinkers: Randomized controlled trial. *Journal of Medical Internet Research*, 14(4), e107.
- Duarte, P. C. A. V., Stempliuk, V. A. Do & Barroso, L. P. (2009). Relatório Brasileiro Sobre Drogas. Brasília: SENAD – Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas.
- Frueh, B. C., Henderson, S. & Myrick, H. (2005). Telehealth service delivery for persons with alcoholism. *Journal of Telemedicine and Telecare*, 11 (7), 372-375.
- Gainsbury, S. & Blaszczynski, A. (2011). A systematic review of Internet-based therapy for the treatment of addictions. *Clinical Psychology Review*, 31 (3), 490-498.
- Kaltenthaler, E., Parry, G., Beverley, C. & Ferriter, M. (2008). Computerised cognitive-behavioural therapy for depression: systematic review. *The British Journal of Psychiatry*, 193, 181-184.
- Kay-Lambkin, F. J., Baker, A. L., Kelly, B. & Lewin, T. J. (2011). Clinician-assisted computerised versus therapist-delivered treatment for depressive and addictive disorders: a randomised controlled trial. *The Medical Journal of Australia*, 195 (3), 44-50.
- Kay-Lambkin, F. J., Baker, A. L., Lewin, T. J. & Carr, V. J. (2009). Computer-based psychological treatment for comorbid depression and problematic alcohol and/or cannabis use: a randomized controlled trial of clinical efficacy. *Addiction*, 104, 378-388.
- Laranjeira, R., Pinsky, I., Zaleski, M. & Caetano, R. (2007). I Levantamento Nacional Sobre os Padrões de Consumo de Álcool na População Brasileira. Brasília: Secretaria Nacional Antidrogas.
- Olmstead, T. A., Ostrow, C. D. & Carroll, K. M. (2010). Cost-effectiveness of computer-assisted training in cognitive-behavioral therapy as an adjunct to standard care for addiction. *Drug and Alcohol Dependence*, 110, 200 – 207.
- Postel, G. M., Hann, A. H., Huurne, D. E., Becker, S. E. & Jong, A. J. C. (2010). Effectiveness of a Web-based Intervention for Problem Drinkers and Reasons for Dropout: Randomized Controlled Trial. *Journal of Medical Research*, 12 (4), e68.
- Rooke, S., Thorsteinsson, E., Karpin, A., Copeland, J. & Allsop, D. (2010). Computer-delivered interventions for alcohol and tobacco use: a meta-analysis. *Addiction*, 105, 1381–1390.
- Shiffman, S., Paty, J. A., Rohay, J. M., DiMarino, M. E. & Gitchell, J. G. (2001). The efficacy of computer-tailored smoking cessation material as supplement to nicotine patch therapy. *Drug and Alcohol Dependence*, 64, 35 – 46.

- White, A., Kavanagh, D., Stallman, H., Klein, B., Kay-Lambkin, F., Proud, J., Young, R. (2010). Online Alcohol Interventions: A Systematic Review. *Journal of medical internet research*, 12 (5).
- White, J.; Jones, R. & McGarry, E. (2009). Cognitive behavior computer therapy for the anxiety disorders: a pilot study. *Journal of Mental Health*, 9, 505 – 516.

Tabela 1 – Artigos analisados por objetivos, participantes, método, intervenções, número de sessões e principais resultados.

Autores	Objetivo	Método	Intervenções	Resultados
Kay-Lambkin <i>et al.</i> (2011)	Comparar intervenção por computador e face-a-face	274 pessoas com depressão e abuso de álcool e/ou maconha Ensaio clínico randomizado Avaliação na linha de base e 3 meses após	9 sessões. 3 grupos EM + TCC-P; EM + TCC-C + 15 minutos com terapeuta; Terapia centrada no cliente	TCC-C obteve melhor resultado para redução do consumo de álcool. Ambas foram iguais para depressão
Kay-Lambkin <i>et al.</i> (2009)	Comparar intervenção por computador e face-a-face	97 pessoas com depressão e abuso de álcool e/ou maconha Ensaio clínico randomizado Avaliação na linha de base e 3,6 e 12 meses após	9 sessões. 3 grupos EM + TCC-P; EM + TCC -C + 15 minutos com terapeuta Nenhum tratamento	TCC-P teve melhor resultado para redução do consumo de álcool. Para a maconha foi inverso. TCC-P obteve resultados imediatos para depressão. Já TCC-C apresentou resultados mais duradouros
Postel <i>et al.</i> (2010)	Avaliar TCC-C e razões para o abandono do tratamento	156 pessoas com uso problemático de álcool Distribuição aleatória	3 meses. 2 grupos E-terapia. Nenhum tratamento	E-terapia reduziu mais o consumo semanal (28,8 doses) em relação ao grupo controle (3,1 doses)
Blankers <i>et al.</i> (2011)	Avaliar TCC-C com terapeuta e da TCC-C auto aplicada	205 pessoas com uso problemático de álcool Distribuição aleatória. Avaliação na linha de base e 3 e 6 meses após	EM+TCC-C + terapeuta com 7 sessões; EM+ TCC-C auto aplicada com 4 semanas Nenhum tratamento	Em ambas as modalidades houve maior redução em comparação a lista de espera. EM+TCC-C + terapeuta manteve maior redução do consumo aos 6 meses de avaliação
Frueh <i>et al.</i> (2005)	Avaliar resultados de intervenção por vídeo conferência	18 homens dependentes de álcool em tratamento Avaliação na linha de base e no final do tratamento	8 sessões de terapia de 1 grupo TCC por vídeo conferência + TCC-P ministradas por 3 terapeutas	Alto nível de satisfação e aceitabilidade. Indivíduos se sentiram mais confortáveis nas sessões em grupo do que nas presenciais individuais

EM = Entrevista Motivacional

TCC-P = Terapia Cognitivo-Comportamental - Presencial

TCC-C = Terapia Cognitivo-Comportamental - Computador

6: TEXTO 2

TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO DO PROJETO MATCH

As intervenções realizadas tanto no grupo de terapia face a face quanto no grupo de terapia por internet terão o seu conteúdo baseado e adaptado a partir dos passos propostos no *Cognitive-Behavioral Coping Skills Therapy Manual* (Kadden et al., 1995) que reproduziu os procedimentos utilizados no *Matching Alcoholism Treatments to Client Heterogeneity* (Projeto MATCH) – um ensaio clínico nacional, multicêntrico, baseado no conceito de “treatment matching” e que foi organizado pelo *National Institute on Alcohol Abuse and Alcoholism* (NIAAA) dos Estados Unidos.

“Treatment matching” pode ser compreendido como o direcionamento para abordagens de tratamentos diferentes de acordo com as necessidades e características individuais de cada paciente. De acordo com Babor (1996), evidências apontam que os alcoolistas diferem entre si em uma ampla variedade de características, como o padrão de beber, o tipo de dependência, a predisposição genética, traços de personalidade, entre outras. Reconhecer essas diferenças é uma forma de compreender melhor a etiologia do transtorno e de desenvolver tratamentos mais adequados para cada população. O projeto MATCH parte da hipótese de que um tratamento com foco nas necessidades individuais de cada paciente pode trazer resultados mais benéficos em oposição a tratar todos os pacientes com o mesmo diagnóstico da mesma maneira (Kadden et al., 1995, p. vii).

O estudo foi realizado ao longo de cinco anos e teve início em 1989 no *Treatment Research Branch* do NIAAA. Seu objetivo foi determinar se subgrupos variados de pacientes abusadores ou dependentes de álcool respondiam de forma diferenciada a três tratamentos: 1) *Twelve-step Facilitation Therapy* (Terapia de Facilitação dos 12 passos), 2) *Cognitive-Behavioral Coping Skills Therapy* (Terapia Cognitivo-Comportamental de Habilidades de Enfrentamento) e 3) *Motivational Enhancement Therapy* (Entrevista Motivacional). Cada tratamento foi desenvolvido por um período de 12 semanas por terapeutas treinados que utilizaram um protocolo padronizado para cada intervenção. Com exceção da abordagem da Entrevista Motivacional, que possuía quatro sessões, todas as outras duas formas de tratamento tinham 12 encontros (Kadden et al., 1995, p. viii).

Em nosso estudo, nos basearemos no tratamento realizado a partir dos moldes da Terapia Cognitivo-Comportamental, além de utilizar algumas estratégias motivacionais

(Miller & Rollnick, 2001), favorecendo a mudança comportamental, e princípios do Modelo de Prevenção de Recaída (Marlatt & Donovan, 2009).

Segundo o protocolo proposto pelo NIAAA, a intervenção realizada no projeto MATCH no grupo de Terapia Cognitivo-Comportamental possui 12 sessões. Dessas, oito devem conter os elementos descritos abaixo. São fornecidos, ainda, 14 modelos de sessões eletivas, das quais quatro serão escolhidas de acordo com a necessidade e interesse de cada indivíduo. As sessões eletivas serão incluídas entre a oitava e a décima primeira sessões. A ordem apresentada abaixo poderá sofrer alterações de acordo com a necessidade de cada cliente. As sessões eletivas são contempladas com os seguintes temas: Conversas Iniciais; Comunicações Não Verbais; Introdução à Assertividade; Recebendo Críticas; Consciência da Raiva; Manejo da Raiva; Consciência dos Pensamentos Negativos; Manejo dos Pensamentos Negativos; Aumentando Atividades Agradáveis; Manejando o Humor Negativo e a Depressão; Melhorando a Rede de Suporte Social; Habilidades para Procura de Emprego; Envolvimento Familiar ou do Cônjuge I; Envolvimento Familiar ou do Cônjuge II.

Em nosso estudo, além de seguir o protocolo de 12 sessões, incluímos, também, duas sessões iniciais de avaliação (uma de aplicação dos instrumentos e outra de devolutiva dos resultados), uma sessão de avaliação final (realizada logo após o 12º encontro) e uma sessão de avaliação de seguimento (realizada três meses após o término da intervenção).

Avaliação inicial: Nesta sessão, presencial para ambos os grupos, explicaremos ao paciente que a intervenção realizada está inserida dentro de um contexto de pesquisa e, caso ele aceite participar, deverá assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Após essa introdução, será realizada uma entrevista utilizando-se os instrumentos padronizados.

Sessão de devolutiva: Nesta sessão, presencial para ambos os grupos, será dado um retorno ao paciente sobre os escores obtidos nos instrumentos de avaliação utilizados. A estratégia motivacional de proporcionar o feedback claro ao indivíduo sobre a sua real situação é um elemento fundamental de motivação para a mudança pois, “se você não sabe onde está, é difícil planejar como chegar a algum lugar” (Miller & Rollnick, 2001, p. 38).

Caso preencha os critérios para inclusão no estudo, o paciente será encaminhado aleatoriamente para um dos dois braços da intervenção – terapia realizada face a face ou terapia realizada por internet.

1ª sessão: No primeiro contato será feito um acolhimento do cliente para compreender suas expectativas, estabelecer o *rapport* e introduzir o indivíduo no tipo de raciocínio necessário para que ele possa desenvolver o treinamento de habilidades de enfrentamento, ou seja, serão explicadas a abordagem e fundamentos da TCC. Além disso, será realizada a psicoeducação do cliente em conceitos como o alcoolismo e situações de risco, e as metas a serem alcançadas na terapia serão estabelecidas. Se possível, será solicitada uma tarefa - a automonitorização do seu uso de álcool. Ao término da sessão será realizado, também, o contrato terapêutico contendo informações e orientações que devem ser seguidas tanto pelo paciente quanto pelo terapeuta para o bom andamento das sessões.

2ª sessão: A partir da automonitorização, serão identificadas as situações de risco de uso da substância (tais como pessoas, lugares, horários do dia e determinados sentimentos e emoções que possam favorecer e manter o consumo) e discutidas técnicas para evitá-las. Além disso, serão trabalhadas também, técnicas de manejo da fissura.

3ª sessão: Alcoolistas em recuperação precisam estar cientes dos determinados estados de espírito que podem predispor a uma recaída, ou seja, um estado mental caracterizado por determinadas atitudes e pensamentos perigosos. Esses pensamentos tornam-se perigosos porque induzem o indivíduo a diminuir a vigilância. Quatro pré-requisitos serão trabalhados nesta sessão para auxiliar o indivíduo a lidar de maneira eficaz com os pensamentos sobre beber: estar firmemente comprometido com a recuperação; desejar permanecer abstinente e não ceder a pensamentos persistentes; estar ciente dos aspectos persistentes de pensamento que justifiquem fazer o uso; manter um elevado nível de vigilância. Ao final da sessão será solicitado ao cliente que faça uma lista contendo os prós e contras de beber.

4ª sessão: Será trabalhada nesta sessão a resolução de problemas, focando em três tipos de problemas comumente enfrentados pelos usuários: as situações de risco, como lugares e situações onde a pessoa costumava beber; situações que surgem após ter parado de beber (ex: discussões em casa, fissuras) e dificuldade em desenvolver atividades que possam auxiliar na manutenção da abstinência. Poderão ser utilizadas técnicas de *role play* (quando o indivíduo e terapeuta fazem uma cena imaginária do problema e é discutido como o indivíduo poderia reagir). Ao final da sessão, será reaplicado o instrumento “WAI” em sua versão para o cliente e para o terapeuta.

5ª sessão: Nesta sessão serão trabalhadas técnicas e estratégias para o indivíduo recusar a beber. Serão discutidas situações em que o indivíduo sofra pressão para beber e fissuras associadas à pessoas, lugares, atividades e estados emocionais relacionados à situações de beber. Essas situações poderão ser observadas na automonitorização feita pelo paciente.

6ª sessão: Nesta sessão serão trabalhados planos para prevenção de recaída e para situações em que a recaída aconteça.

7ª sessão: Esta sessão terá como objetivos demonstrar ao cliente os tipos de pensamentos, comportamentos e decisões aparentemente irrelevantes que podem culminar em um alto risco de situações de beber, e encorajar o cliente a articular e pensar em todas as decisões, não importando o quão pequenas possam parecer, que possam levá-lo a racionalizações ou minimizações de risco (ex: “acho que vou manter algumas latas de cerveja no freezer para caso meu irmão apareça aqui mais tarde”).

4 sessões eletivas: Tanto o terapeuta quanto o paciente devem concordar com quais sessões serão utilizadas. Se o terapeuta sente que uma sessão tem particular relevância para o cliente, mas este discorda, é preferível seguir em frente com a escolha do paciente.

12ª sessão: Fechamento da terapia com feedback do cliente e psicólogo e avaliação de perspectivas futuras.

Avaliação final: Entrevista, presencial para ambos os grupos, utilizando-se os instrumentos padronizados.

Avaliação de seguimento: Após três meses os clientes serão novamente contatados para participar da avaliação de seguimento, presencial para ambos os grupos, utilizando-se os instrumentos padronizados.

Estratégias de motivação para a mudança como a prática da empatia, o fornecimento de feedback claro, o esclarecimento dos objetivos a serem alcançados, a diminuição do aspecto desejável do comportamento de beber e a ajuda ativa serão trabalhadas ao longo de toda a intervenção (Miller & Rollnick, 2001).

A tradução do manual de tratamento proposto pelo Projeto Match foi realizada de forma livre com a finalidade de transmitir as principais ideias discutidas ao longo de todo o material. Adaptações também foram realizadas nas sessões como parte dos objetivos deste estudo.

6.1. Referências

- Babor, T. F. (1996). The classification of alcoholics typology theories from the 19th century to the present. *Alcohol Health & Research World*, 20 (1), 6-14. Recuperado em 12/01/2015 de <http://web.b.ebscohost.com.ez25.periodicos.capes.gov.br/ehost/detail/detail?sid=a5d45bfa-9520-4242-b8b9-2a937ad92a51%40sessionmgr114&vid=0&hid=128&bdata=Jmxhbmc9cHQYnImc2l0ZT1laG9zdC1saXZl#db=c8h&AN=1998019076>
- Kadden, R., Carroll, K., Donovan, D., Cooney, N., Monti, P., Abrams, D., ...& Hester, R. (1995). *Cognitive-Behavioral coping skills therapy manual: A clinical research guide for therapists treating individuals with alcohol abuse and dependence*. National Institute on Alcohol Abuse and Alcoholism. Project Match Monograph Series (v.3), Editor: Margareth E. Mattson, Rockville.
- Marlatt, G.A., & Donovan, D.M. (2009). *Prevenção de recaída: Estratégias de manutenção no tratamento de comportamentos adictivos* (2^a.ed.). Porto Alegre, Brasil: Artmed Editora.
- Miller, W. R., & Rollnick, S. (2001). *Entrevista motivacional – Preparando as pessoas para a mudança de comportamentos adictivos*. Porto Alegre, Brasil: Artmed Editora.

7: TEXTO 3

Terapia Cognitivo-Comportamental breve por internet para dependentes de álcool: protocolo de estudo de um ensaio clínico randomizado

Resumo

Introdução: O uso de álcool tem se configurado como um grave problema de saúde pública. Estudos avaliando a eficácia e a efetividade de intervenções realizadas via internet para diferentes transtornos mentais, inclusive para transtornos relacionados ao uso de álcool e outras drogas, tem despertado interesse dos pesquisadores e tem se constituído como um campo promissor. O presente estudo tem o objetivo de avaliar a efetividade de uma terapia realizada por internet com a presença de um terapeuta baseada na Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), Prevenção de Recaída (PR) e em princípios da Entrevista Motivacional (EM) para dependentes de álcool. **Método:** Em um ensaio clínico randomizado nós iremos comparar 12 sessões de (a) Terapia Cognitivo-Comportamental face a face (TCC face a face) e (b) Terapia Cognitivo-Comportamental por internet (TCC por internet) e avaliar a efetividade da TCC por internet. Serão incluídos 128 homens, entre 18 e 65 anos, dependentes de álcool, recrutados em serviços de saúde. Os pacientes elegíveis serão aleatorizados para uma das duas condições de tratamento. O desfecho primário será a avaliação do número de doses consumidas no dia em que bebeu e o número de dias em que esteve abstinente nos últimos 30 dias anteriores à avaliação. Outras medidas incluem a avaliação da dependência do álcool, o diagnóstico de abuso ou dependência de outras drogas e de outros transtornos mentais, a familiaridade com o uso de internet, o estágio de motivação para a mudança, a relação terapêutica e o nível de satisfação com a intervenção recebida. A avaliação será feita no início, no final e após três meses do término do tratamento. O estudo foi aprovado pelo comitê de ética em pesquisa e devidamente registrado. **Discussão:** Ao avaliar a efetividade da terapia realizada por internet com a presença de um terapeuta para dependentes de álcool e compará-la a terapia realizada nos moldes presenciais, nós pretendemos fornecer novos dados de tratamento para essa população específica, além de colaborar na proposição de novas políticas públicas no que tange ao atendimento de pessoas com problemas com o uso de álcool.

Registro do Estudo: Este estudo foi submetido ao Registro Brasileiro de Ensaio Clínicos (ReBEC) sob o nº3334299.

Introdução

O uso de álcool tem se configurado como um grave problema de saúde pública. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) (2014) seu uso prejudicial constitui-se como uma das causas de mais de 200 condições de agravos em saúde. Em 2012, 3,3 milhões de mortes globais (cerca de 5,9%) foram atribuídas ao consumo de álcool e 5,1% da carga global de doenças e lesões deveu-se ao seu uso[1].

Nos últimos anos existe grande interesse em se avaliar intervenções realizadas pela internet para diferentes transtornos mentais [2 – 5], inclusive para transtornos relacionados ao uso de álcool e outras drogas [6 – 12]. Muñoz (2010) aponta que, principalmente para países em desenvolvimento, as intervenções disponibilizadas por computador ou por internet constituem um importante recurso auxiliar para habitantes de locais de difícil acesso, pessoas em lista de espera, pacientes que evitam o estigma de buscar um serviço de saúde mental, além de estender o cuidado em saúde para atividades de prevenção [13]. Porém, são raros os estudos encontrados em países de língua não inglesa. Não foram encontrados estudos deste tipo no Brasil, embora haja indícios de ser promissor o investimento neste campo no país [14].

Uma revisão sistemática realizada por White et al. (2010) sobre a eficácia de intervenções online para o uso abusivo de álcool sugere que os usuários podem se beneficiar de intervenções online, principalmente grupos que por alguma razão não frequentariam os serviços tradicionais. É sugerido, ainda, que mais estudos controlados sejam realizados para se compreender melhor essa nova forma de abordagem [15]. Carey, Scott-Sheldon, Elliott, Garey e Carey (2012) ao realizarem um estudo de meta-análise comparando intervenções para o uso de álcool realizadas face a face com intervenções desenvolvidas por computador em amostras de estudantes universitários, verificaram que as avaliações aplicadas a longo prazo nestes grupos favoreceram as intervenções online na redução do padrão binge de beber. Dado

os problemas de um consumo pesado em uma única ocasião, tal mudança deve ser encorajada. A revisão apontou, ainda, que comparações entre as duas intervenções são infrequentes, havendo a necessidade de maiores estudos nessa área [16]. Um outro estudo avaliando a eficácia de uma intervenção baseada na Terapia Cognitivo-Comportamental desenvolvida via programa de computador (CBT4CBT) para usuários dependentes de substâncias [17] e um estudo avaliando à durabilidade dos seus efeitos [18] apresentaram resultados promissores para esta abordagem de tratamento.

Terapia Cognitivo-Comportamental para o abuso de substâncias

Neste estudo será utilizado um modelo de intervenção proposto no Matching Alcoholism Treatments to Client Heterogeneity (Projeto MATCH) – ensaio clínico nacional, multicêntrico, organizado pelo National Institute on Alcohol Abuse and Alcoholism (NIAAA) dos Estados Unidos - que se baseia na denominada Cognitive Behavioral Coping-Skills Therapy (Terapia Cognitivo-Comportamental de Habilidades de Enfrentamento - TCC-HE) e que constitui-se em um dos maiores estudos do gênero já realizados [19]. O termo refere-se à um conjunto de abordagens de tratamento para dependência de álcool e outros transtornos psiquiátricos que focam em melhorar as habilidades cognitivas e comportamentais do paciente visando a mudança do comportamento problema [20]. A TCC-HE do abuso de drogas parte do pressuposto de que o consumo de álcool e outras drogas é um comportamento aprendido e como tal pode ser desaprendido [20, 21). Neste sentido, é uma abordagem baseada na Teoria da Aprendizagem Social, de base sociocognitiva, proposta por Bandura em 1986 [22]. Segundo este entendimento, o indivíduo dependente de drogas possui déficits em habilidades para lidar com as adversidades da vida, o que faz com que a substância ocupe esta função. Como a substância, em geral, ocupa funções em diversos aspectos da vida do indivíduo, a abordagem da TCC-HE busca trabalhar em terapia as diversas áreas em que

existe uma relação com a manutenção do consumo da substância. Por esta razão, ela é vista como uma abordagem de tratamento que não foca exclusivamente no problema com a droga, mas em um amplo espectro da vida do indivíduo [20].

Desde a década de 1980 a TCC-HE vem demonstrando ser uma abordagem efetiva de tratamento para alcoolismo [20, 23, 24]. O Projeto MATCH, um dos maiores estudos multicêntricos já realizados para avaliar tratamentos para alcoolistas, propõe que os pacientes se beneficiariam de intervenções que fossem mais adequadas as suas características e necessidades individuais. Para isto, comparou os resultados da TCC-HE com a Entrevista Motivacional e com a Terapia de Facilitação dos 12 passos e avaliou subgrupos com características diferentes como preditores de resultado para cada uma das modalidades. Este estudo mostrou que as abordagens de tratamento não diferiram muito com relação à redução do consumo de doses por ocasião após 1 ano de avaliação de seguimento, mas que a TCC-HE obteve melhores resultados em pacientes com dependência menos grave. No entanto, foi observado que a gravidade de transtornos psiquiátricos influenciava os resultados do tratamento e que ela deve ser considerada especialmente em tratamentos ambulatoriais. A motivação do paciente também mostrou ser um importante preditor dos resultados do tratamento [24]. Basicamente, a TCC-HE se propõe a ajudar o paciente a reconhecer situações de risco, evitar estas situações quando apropriado e enfrentar de maneira mais efetiva uma série de problemas e comportamentos problema associados com o uso da substância [21]. Esta é a proposta seguida pelo modelo da Prevenção de Recaída.

Prevenção de Recaída

Uma grande contribuição à literatura do abuso e dependência de substâncias foi o Modelo Cognitivo-Comportamental de Prevenção de Recaída (PR) proposto por Marlatt na década de 80 após a observação de alcoolistas que reiniciaram o uso da substância após um

período de tratamento em clínica com regime de abstinência. A partir dessa observação, Marlatt desenvolveu uma taxonomia de situações que poderiam levar o indivíduo a recair no uso de bebidas alcoólicas, denominadas situações de alto risco [25].

A PR tem como foco as situações nas quais os indivíduos usuários de substâncias psicotrópicas têm maior propensão a fazer o uso da substância. Essas situações podem ser condições internas e/ou externas ao indivíduo que podem ativar suas crenças relacionadas à substância e levá-lo a um intenso desejo de consumi-la (fissura). Nesse modelo, intervenções cognitivas são realizadas e estratégias e habilidades de enfrentamento comportamentais são trabalhadas para que o indivíduo consiga lidar com esse intenso desejo, evitando e/ou administrando o processo de recaída [25]. Inúmeros estudos sobre intervenções baseadas na PR, adaptações e combinações da PR com outras abordagens para usuários de substâncias têm demonstrado evidências de efetividade nas últimas décadas [26, 27, 28, 29]

Entrevista Motivacional

O TCC-HE parte do princípio de que o paciente está motivado para o tratamento e que necessita aprender algumas estratégias ao longo da terapia para a mudança comportamental [20]. No entanto, sabe-se que a taxa de abandono a tratamentos terapêuticos é alta, correspondendo a um total de 20% [30]. Apesar desse valor ser inferior ao estimado há alguns anos, [31, 32, 33], o fato de que 1 em cada 5 pacientes abandonam a terapia ainda é um problema significativo. A Entrevista Motivacional (EM) contribui positivamente para aumentar a adesão ao tratamento [34, 35]. Este quadro pode agravar-se na terapia realizada por internet, podendo fazer com que os indivíduos desistam do tratamento antes mesmo de iniciá-lo. Por esta razão, é importante incluir na abordagem elementos motivacionais. Inúmeros estudos utilizam a EM ou estratégias motivacionais como intervenção para usuários de substâncias [36, 37, 38].

A EM tem um foco prático e constitui-se como uma forma de ajudar os indivíduos que se encontram relutantes e ambivalentes em relação a modificar um determinado comportamento problema. Ela contribui para a resolução da ambivalência, colocando o indivíduo em movimento na direção da mudança [39].

Diante dos dados apresentados, o presente estudo tem o objetivo de realizar um ensaio clínico randomizado para avaliar a efetividade de uma terapia realizada por internet com a presença de um terapeuta baseada na Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), Prevenção de Recaída (PR) e em princípios da Entrevista Motivacional (EM) para dependentes de álcool. Este estudo tem ainda como objetivo secundário avaliar a relação terapêutica estabelecida na intervenção por internet. Iremos comparar a efetividade da terapia realizada por internet – grupo *TCC por internet* - com uma terapia realizada face a face – grupo *TCC face a face* - a partir dos resultados colhidos no início, no final e após três meses do tratamento. Temos como hipótese principal que a intervenção realizada por internet não irá diferir da intervenção presencial quanto aos desfechos pesquisados e que em ambas as intervenções ocorrerá redução significativa do consumo de álcool.

Métodos

Desenho do Estudo

Será realizado um ensaio clínico randomizado no qual os participantes serão alocados em uma das duas condições do estudo: (a) Terapia Cognitivo-Comportamental face a face (TCC face a face) (N=64) e (b) Terapia Cognitivo-Comportamental por internet (TCC por internet) (N=64). O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Juiz de Fora – CEP/UFJF (Nº 278.167) e está sendo submetido à registro no Registro Brasileiro de Ensaio Clínicos (ReBEC). O fluxo esperado de pacientes ao longo do tratamento está apresentado na figura 1.

Participantes

Serão incluídos 128 indivíduos dependentes de álcool que preencherem os seguintes critérios de inclusão: ser do sexo masculino, ter entre 18 e 65 anos de idade, não estar abstinente nos 30 dias anteriores à admissão ao tratamento. Serão excluídos do estudo aqueles indivíduos que fazem uso abusivo ou dependente de outras drogas (com exceção do tabaco), que tenham participado de tratamento especializado para problemas com álcool e outras drogas nos últimos três meses ou que preencham critérios para transtornos mentais graves que o impeçam de participar do estudo. Poderão ser incluídos aqueles que fizerem tratamento medicamentoso ou que frequentarem grupos de auto ajuda. Os excluídos serão encaminhados para outro serviço de atendimento.

A dependência do álcool, o diagnóstico de abuso ou dependência de outras drogas e a presença de outros transtornos mentais serão verificados a partir da versão brasileira da entrevista diagnóstica estruturada *Mini Internacional Neuropsychiatric Interview – Brazilian Version 5.0.0* (M.I.N.I) do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais em sua quarta edição - DSM – IV [40]. Já o histórico de tratamentos e o consumo de álcool nos últimos 30 dias será verificado a partir da área “Álcool” do *Addiction Severity Index versão 6* (ASI 6) [41].

Tamanho da amostra

O tamanho de amostra para este estudo de não inferioridade, considerando-se uma média de redução de 12 doses no grupo de TCC Face a Face ao final de tratamento, um limite de inferioridade de 80% deste valor para o grupo TCC por Internet foi de 64 indivíduos em cada grupo, para um nível de significância de 5% e poder de 80%.

O cálculo amostral será conduzido esperando-se uma redução de 15 doses [24] em média na linha de base para 3 na avaliação de seguimento e considerando uma perda de 50% na avaliação.

Recrutamento

Os participantes para o estudo serão recrutados a partir da divulgação da intervenção em serviços de saúde da cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais - Unidades de Atenção Primária à Saúde (UAPS's), Hospital Universitário, Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPS AD). Após a divulgação, será solicitado aos serviços especializados que encaminhem os pacientes que encontram-se em fila de espera para atendimento e aos serviços não especializados que encaminhem os casos identificados como uso dependente de álcool. Os indivíduos que se interessarem deverão entrar em contato com o Centro de Psicologia Aplicada (CPA) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) – local em que serão realizadas ambas as intervenções. Em seguida serão conduzidas duas sessões de avaliação presenciais com um psicólogo treinado para verificação da elegibilidade para o estudo.

Randomização e procedimentos

Após entrarem em contato com o CPA, os pacientes serão contactados por um terapeuta para marcação da sessão de avaliação de linha de base. Inicialmente, serão conduzidas duas sessões de avaliação presenciais: uma para aplicação dos instrumentos e outra para a devolutiva dos resultados. Na primeira sessão de avaliação, após o acolhimento e consentimento do paciente, serão aplicados o questionário de dados sociodemográficos, o questionário de avaliação de uso da internet, a área “Álcool” do ASI 6, o questionário de avaliação de doses consumidas e de abstinência, o M.I.N.I, a Adaptação Brasileira do *University of Rhode Island Change Assessment Scale* (URICA), a Régua de Prontidão para a

mudança e o Inventário de Expectativas e Crenças Pessoais Acerca do Álcool (IECPA). A segunda sessão de avaliação tem como objetivo dar a devolutiva dos resultados dos instrumentos aplicados, utilizando-se a estratégia motivacional de fornecer um feedback claro ao paciente, proporcionando um real conhecimento sobre sua situação atual e favorecendo a motivação para a mudança comportamental.

Caso o paciente seja elegível, será randomicamente distribuído para um dos grupos - TCC face a face ou TCC por internet - seguindo uma lista de aleatorização realizada por pares pelo pacote *blockrand* do R [42]. A aleatorização será cega para o terapeuta que não será informado sobre a modalidade de terapia de um determinado paciente até este segundo encontro. Para reduzir o viés do estilo do terapeuta no estudo de relação terapêutica, os psicólogos envolvidos serão alocados para os atendimentos por um pesquisador que não participará das intervenções, de forma que todos atendam o mesmo número de pacientes em cada modalidade.

As sessões de terapia terão início na semana seguinte à sessão de devolutiva e corresponderão a doze encontros com temas pré-estabelecidos. Uma versão com tradução livre e adaptada para o português brasileiro de um protocolo do NIAAA dos Estados Unidos - o *Cognitive-Behavioral Coping Skills Therapy Manual* do Projeto MATCH [19] - será utilizado como base para ambas as intervenções.

O instrumento que avalia a relação terapêutica em sua versão para o cliente e para o terapeuta - *Working Alliance Inventory* (WAI) [43] - será aplicado na 4ª e na 8ª sessão de terapia e reaplicado na sessão de avaliação final realizada na semana seguinte ao término da intervenção. A quarta sessão é considerada, com base em estudos anteriores sobre aliança terapêutica, o momento em que o vínculo terapêutico está formado [44].

O conteúdo das sessões será registrado nos relatórios semanais de sessão preenchidos pelos terapeutas ao término de cada encontro. Ao final da última sessão, o paciente será

convidado para participar da sessão de avaliação final, que será realizada na semana seguinte ao término do tratamento, e para participar da avaliação de seguimento, realizada após 3 meses. Ambas serão previamente agendadas com o paciente e, para evitar o não comparecimento, o mesmo será contactado dias antes da sessão. Na avaliação serão utilizados os mesmos instrumentos iniciais, com a inclusão de um questionário de satisfação para verificar a satisfação dos pacientes em relação as intervenções e com a exclusão do questionário de dados sociodemográficos e o questionário de avaliação de uso da internet.

As sessões serão realizadas por terapeutas pós-graduandos, devidamente treinados, especializados na área de álcool e outras drogas e que receberão supervisão semanal de um terapeuta com 13 anos de experiência na área.

Intervenções

As intervenções realizadas nos dois grupos serão conduzidas no CPA. Para a terapia por internet, paciente e terapeuta estarão em salas diferentes e distantes de modo que o contato durante o atendimento se estabeleça apenas por meio do computador.

As sessões de terapia no grupo *TCC por internet* serão realizadas utilizando-se o servidor *OpenFire* [45] que atuará como um *gateway* para o protocolo Jitsi – programa de comunicação que permite a realização de chamadas de áudio e vídeo, além da troca de mensagens instantâneas a partir da janela de chat [46]. Para evitar que ocorram interferências e quedas de sinal durante as sessões, será utilizada a intranet da instituição e a fim de evitar ruídos externos tanto o terapeuta quanto o paciente utilizarão fones de ouvido. Todo o material escrito necessário a condução da terapia, como instrumentos e registros de automonitoria que serão utilizados pelo paciente, serão disponibilizados previamente em sua mesa de atendimento.

Considerando as dificuldades relativas ao uso do computador e da internet alguns cuidados serão tomados. Primeiro, logo após a sessão presencial de devolutiva, os pacientes que forem aleatorizados para o grupo *TCC por internet* serão treinados para o manejo do uso do computador para participar das intervenções. Aqueles que apresentarem maior dificuldade poderão contar com o auxílio de um outro membro da equipe de pesquisadores ao longo das sessões. Segundo, caso ocorram falhas na comunicação no momento da realização das intervenções, o terapeuta entrará em contato com o paciente por telefone para orientá-lo ou remarcar a consulta.

As intervenções realizadas tanto no grupo *TCC face a face* quanto no grupo *TCC por internet* serão adaptadas do Projeto MATCH [19]. O protocolo será composto por 12 sessões de terapia teoricamente embasadas na TCC, na PR [25] e em princípios da EM [39]. Embora o modelo original do Projeto MATCH seja exclusivamente baseado na TCC, neste estudo serão incluídas estratégias da EM, especialmente na sessão de devolutiva da avaliação e nas sessões iniciais de terapia, visando favorecer a mudança comportamental e minimizar a proporção de abandono do tratamento [34, 35]. As sessões terão como conteúdo o estabelecimento de metas a serem alcançadas, psicoeducação do paciente em conceitos relacionados ao alcoolismo, o reconhecimento de situações de risco, a discussão de estratégias de motivação, o treino em habilidades de enfrentamento e em solução de problemas, tarefas de automonitoria do uso do álcool e dos pensamentos e sentimentos envolvidos nessas situações.

As sessões de terapia serão semanais e terão a duração de 60 minutos cada. Um contrato terapêutico será realizado com o paciente na primeira sessão visando estabelecer a meta de abstinência proposta pelo tratamento e as regras da terapia: avisar com antecedência caso não possa comparecer, tolerância de atraso de até 15 minutos para a sessão (caso esse tempo seja ultrapassado, a sessão será cancelada e uma nova data remarcada), tolerância de

até duas faltas seguidas ou três faltas alternadas (caso esse número seja ultrapassado será considerado abandono do tratamento) e concordância em vir para as sessões sem ter feito o uso de álcool e outras drogas - com exceção do tabaco (caso o tenha feito, será convidado a se retirar da sessão e deverá encontrar um meio de transporte seguro para ir para a casa; uma nova data para a sessão será remarcada).

Instrumentos

Diferentes instrumentos serão utilizados para avaliar a efetividade de uma terapia desenvolvida pela internet com a presença de um terapeuta para usuários dependentes de álcool em comparação com uma terapia desenvolvida nos moldes presenciais. Serão utilizadas, também, medidas que caracterizem a amostra quanto a dados sociodemográficos e à familiaridade com o uso de internet. Além de medidas que avaliem o grau de motivação para a mudança dos participantes, a relação terapêutica estabelecida e o nível de satisfação com a intervenção recebida.

Desfecho primário

Medidas de avaliação da quantidade de doses consumidas – Número de doses consumidas no dia em que bebeu e número de dias em que esteve abstinente nos últimos 30 dias anteriores à avaliação. Serão realizadas duas questões elaboradas pelos próprios pesquisadores “*Nos últimos 30 dias, em média, quantas doses de bebida alcoólica você consumiu nos dias em que bebeu? Quantos dias bebeu?*”; e “*Nos últimos 30 dias, quantos dias ficou abstinente?*”. A dose padrão considerada é uma quantidade de bebida alcoólica que contém em torno de 14 gramas de etanol puro [47]. Será apresentada uma ficha ao paciente considerando a concentração alcoólica das diferentes bebidas e a quantidade equivalente a uma dose padrão.

Desfechos secundários

Medidas de adesão ao tratamento - Número de dias em que participou das sessões;

Addiction Severity Index versão 6 (ASI 6) [41] – área *Álcool* composta por 24 questões sobre histórico de tratamentos, sintomas relacionados ao diagnóstico de dependência (fissura, problemas psicossociais, legais, perda de controle e abstinência) e o padrão de uso de álcool do indivíduo (anos de uso regular, idade de início, frequência de uso nos últimos 6 meses e 30 dias). Os estudos de validação da versão brasileira encontraram boas propriedades psicométricas; esta área fornece escores compostos que variam de 0 à 100 e será utilizada para definir a gravidade de problemas com o uso de álcool nos últimos 30 dias. Também será utilizada para avaliar o critério de inclusão sobre o uso de álcool nos últimos 30 dias.

Mini International Neuropsychiatric Interview (M.I.N.I) [40] – Versão brasileira. É uma entrevista diagnóstica padronizada breve (15-30 minutos de aplicação), compatível com os critérios propostos no DSM-IV, que será utilizado para avaliação do diagnóstico de dependência de álcool e outras drogas e de transtornos mentais.

Inventário de Expectativas e Crenças Pessoais Acerca do Álcool (IECPA) [48] – instrumento que avalia as expectativas pessoais sobre o efeito do álcool. É uma medida escalar, do tipo Likert, com 61 itens distribuídos em cinco fatores: Efeitos globais positivos e facilitadores das interações sociais; Diminuição e/ou fuga de emoções negativas; Ativação e prazer sexual; Efeitos positivos na atividade e humor; Efeitos positivos na avaliação de si mesmo.

University of Rhode Island Change Assessment Scale (URICA) [49] – Versão brasileira. Instrumento com 32 itens que objetiva investigar o estágio de motivação para a mudança que o sujeito se encontra (pré-contemplação, contemplação, ação ou manutenção) (Prochaska & DiClemente, 1992).

Régua de Prontidão para Mudança [50] – trata-se de uma escala de auto-avaliação analógica que verifica em qual estágio de prontidão para a mudança o sujeito se encontra. O entrevistador deve perguntar ao indivíduo qual ponto da régua – de 0 a 10 - reflete melhor o quanto ele se sente preparado para modificar o comportamento em questão, sendo que 0 indica que ele não se sente pronto e 10 indica que ele já está se esforçando de maneira ativa para modificar o seu comportamento.

Outras medidas

Questionário de dados sociodemográficos - questionário estruturado contendo a Escala Socioeconômica proposta pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP) baseada no Critério Brasil 2014 [51], além de informações sobre idade, sexo, escolaridade, emprego e religião.

Questões de avaliação do uso da internet – questionário breve, com apenas dois itens (1. Você usa computador? Se sim, com que frequência você usa a internet?; 2. Em relação à dificuldade de usar computador, como você se avalia?). Foi elaborado pelos próprios pesquisadores a fim de avaliar a frequência de uso da internet e a familiaridade com o uso do computador entre os participantes do estudo. As respostas para ambas as perguntas devem ser dadas em uma escala ordinal. Estas questões serão utilizadas para avaliar se haverá efeito da frequência de uso com os desfechos clínicos e com a relação terapêutica.

Working Alliance Inventory (WAI) [43] - instrumento metateórico de relação terapêutica. Consiste em um questionário com versões para cliente, terapeuta e observador. Ele contém três subescalas (objetivos, tarefa e vínculo) com doze questões cada, avaliadas numa escala de

sete pontos (sempre – nunca).

Questões para avaliar a satisfação do indivíduo em relação às intervenções – questionário breve elaborado pelos pesquisadores envolvidos contendo três questões relativas à intervenção recebida (1. Como você avalia a forma de tratamento que você participou?; 2. De 1 a 4 qual nota você dá para a forma de intervenção realizada, o número de sessões, ao terapeuta, ao seu resultado, as atividades realizadas na terapia, a avaliação com os questionários; 3. Quais as sugestões você gostaria de dar para a realização de futuras intervenções?).

Análises Estatísticas

Os desfechos primários e secundários serão comparados entre si nas medidas realizadas na linha de base, no final do tratamento e após três meses. Para os desfechos com variáveis discretas ou contínuas será calculado a média e desvio padrão, e a diferença entre as médias dos dois grupos. Em seguida, por meio do Teste t de Student ou ANOVA a diferença das médias será comparada entre os grupos para cada medida. Serão realizadas análises descritivas e análises inferenciais para comparação dos resultados das intervenções. Para variáveis categóricas será utilizado o teste do Chi-quadrado. Poderão ainda ser utilizadas análises multivariadas para melhor compreensão dos resultados.

Discussão

Este estudo trata-se da primeira avaliação da efetividade da TCC realizada por internet com a presença de um terapeuta para dependentes de álcool no Brasil. A escassez de tratamentos no país em comparação com a demanda ilustra que os resultados deste estudo podem contribuir para a implementação de abordagens alternativas de atendimento, realizadas

à distância, além de contribuir para o desenvolvimento e implementação de políticas públicas na área de álcool e outras drogas.

Considerações metodológicas

O ensaio clínico randomizado consiste na principal metodologia para avaliar a efetividade e a eficácia de intervenções para fenômenos específicos. Neste estudo será feito um esforço para balancear a validade interna com a externa, considerando as características específicas da população usuária de álcool. É incomum encontrar pacientes que não possuem outras comorbidades psiquiátricas nesta população. Por esta razão haverá uma flexibilidade quanto a gravidade dos transtornos como critério de exclusão. Outra questão refere-se ao uso de medicamentos e da participação em grupos de auto ajuda. Considerando que grande parte dos pacientes necessitam de acompanhamento medicamentoso, especialmente no início do tratamento, optou-se pela inclusão desses indivíduos no estudo. Já em relação aos grupos de auto ajuda, pelo fato de não se constituírem como tratamentos especializados com participação de profissionais de saúde, optou-se pela inclusão daqueles indivíduos que deles participam.

As limitações do estudo estão na impossibilidade de controlar todos os vieses inerentes ao dependente de álcool, como a presença de outros transtornos psiquiátricos em diferentes níveis de gravidade, e a não inclusão de mulheres na amostra. O tamanho amostral foi calculado com base no número de doses previsto que os indivíduos poderão reduzir ao final do tratamento, porém, como nunca foi realizado um estudo no Brasil com terapia por internet, é possível que a taxa de desistência seja maior do que o esperado.

A randomização dos indivíduos entre os grupos, o cegamento do terapeuta até o momento da intervenção e o fato de ser o primeiro estudo desta natureza no país que objetiva

avaliar a efetividade de uma intervenção realizada via internet com a presença de um terapeuta para dependentes de álcool podem ser considerados pontos fortes do estudo.

Conclusão

O presente estudo, ao avaliar a efetividade de uma intervenção realizada via internet com a presença de um terapeuta para dependentes de álcool e compará-la a uma intervenção realizada face a face (atendimento padrão), pretende fornecer novos dados de tratamento para essa população. Por se tratar de uma amostra brasileira, onde até o momento nenhum estudo dessa natureza foi identificado, esperamos colaborar com novas propostas de políticas públicas no que tange ao atendimento de pessoas com problemas com o uso de álcool.

Abreviações

ASI 6: Addiction Severity Index versão 6; CAPS AD: Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas; CPA: Centro de Psicologia Aplicada; DSM – IV: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais em sua quarta edição; EM: Entrevista Motivacional; IECPA: Inventário de Expectativas e Crenças Pessoais Acerca do Álcool; M.I.N.I: Mini Internacional Neuropsychiatric Interview; NIAAA: National Institute on Alcohol Abuse and Alcoholism; OMS: Organização Mundial de Saúde; PR: Prevenção de Recaída; Projeto MATCH: Matching Alcoholism Treatments to Client Heterogeneity; TCC: Terapia Cognitivo-Comportamental; TCC-HE: Terapia Cognitivo-Comportamental de Habilidades de Enfrentamento; TCC por internet: Terapia Cognitivo-Comportamental por internet; TCC face a face: Terapia Cognitivo-Comportamental face a face; UAPS's: Unidades de Atenção Primária à Saúde; UFJF: Universidade Federal de Juiz de Fora; URICA: Adaptação Brasileira do University of Rhode Island Change Assessment Scale; WAI: Working Alliance Inventory.

Informações dos autores

Andressa Bianchi Gumier: mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora, pesquisadora do Centro de Referência em Pesquisa, Intervenção e Avaliação em Álcool e Outras Drogas (CREPEIA).

Laisa Marcorela Andreoli Sartes: doutora em Ciências pelo Departamento de Psicobiologia da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), estágio de pós-doutorado pela UNIFESP na área de álcool e outras drogas, professora adjunta do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), orientadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFJF.

Agradecimentos e Financiamentos

Agradecemos ao financiamento recebido a partir dos editais: CNPq Universal (nº 445896/2014-0) e BIC/UFJF (nº 552452/2011-4 e 552452/2011-4).

Referências

1. Organização Mundial de Saúde. Global status report on alcohol and health. Genebra: Organização Mundial de Saúde; 2014.
2. Christensen H, Griffiths KM, Jorm AF. Delivering interventions for depression by using the internet: randomized controlled trials. *BMJ Clinical Research*. 2004;328:265 – 269.
doi: 10.1136/bmj.37945.566632.EE
3. White J, Jones R, McGarry E. Cognitive behavior computer therapy for the anxiety disorders: a pilot study. *Journal of Mental Health*. 2009;9:505-516.
doi:10.1080/09638230020005237

4. Boettcher J, Astrom V, Pahlsson D, Schenstrom O, Andersson G, Carlbring P. Internet-based mindfulness treatment for anxiety disorders: a randomized controlled trial. *Behavior Therapy*. 2014;45:241 – 253.
[doi:10.1016/j.beth.2013.11.003](https://doi.org/10.1016/j.beth.2013.11.003)
5. Reins, J. A.; Ebert, D. D.; Lehr, D.; Riper, H.; Cuijpers, P. & Berking, M. (2013). Internet-based treatment of major depression for patients on a waiting list for inpatient psychotherapy: protocol for a multi-centre randomised controlled trial. *BMC Psychiatry*. 26, 13:318.
6. Linke, S.; Brown, A. & Wallace, P. (2004). Down your drink: a web-based intervention for people with excessive alcohol consumption. *Alcohol and Alcoholism*, v. 39, p. 29-32.
7. Rooke, S.; Copeland, J.; Norberg, M.; Hine, D. & McCambridge, J. (2013). Effectiveness of a self-guided web-based cannabis treatment program: randomized controlled trial. *Journal of Medical Internet Research*. 15 (2), p.26.
8. Blankers, M., Koeter, M. W. & Schippers, G. M. (2011). Internet therapy versus internet self-help versus no treatment for problematic alcohol use: A randomized controlled trial. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 79 (3), 330-341.
9. Schaub, M.; Sullivan, R. & Stark, L. (2011). Snow control - an RCT protocol for a web-based self-help therapy to reduce cocaine consumption in problematic cocaine users. *BMC Psychiatry*. 11:153
10. Schaub, M.; Sullivan, R.; Haug, S. & Stark, L. (2012). Web-based cognitive behavioral self-help intervention to reduce cocaine consumption in problematic cocaine users: randomized controlled trial. *Journal of Medical Internet Research*. 14 (6), p.166.
11. Cunningham, J. A. (2012). Comparison of two internet-based interventions for problem drinkers: Randomized controlled trial.
12. Postel, G. M., Hann, A. H., Huurme, D. E., Becker, S. E. & Jong, A. J. C. (2010). Effectiveness of a Web-based Intervention for Problem Drinkers and Reasons for Dropout: Randomized Controlled Trial. *Journal of Medical Research*, v.12, n.4.

13. Muñoz, R. F. (2010). Using Evidence-Based Internet Interventions to Reduce Health Disparities Worldwide. *Journal of Medical Internet Research*, v.12.
14. Gomide, H. P., Martins, L. F. & Ronzani, T. M. (2013). É hora de investirmos em intervenções comportamentais computadorizadas no Brasil?. *Psicologia em Estudo*, v.18 (2), p. 303-31
15. White, A., Kavanagh, D., Stallman, H., Klein, B., Kay-Lambkin, F., Proudfoot, J., Drennan, J., Connor, J., Baker, A., Hines, E. & Young, R. (2010). Online alcohol interventions: a systematic review. *J Med Internet Res*. 12 (5), p. 62.
16. Carey, B. K., Scott-Sheldon, J. A. L., Elliot, C. J., Garey, L. & Carey, P. M. (2012). Face-to-face versus computer-delivered alcohol interventions for college drinkers: A meta-analytic review, 1998 to 2010. *Clinical Psychology Review*, 32, pp. 690-703.
17. Carroll, K. M., Ball, S. A., Martino, S., Nich, C., Babuscio, T. A., Nuro, K. F., Gordon, M. A., Portnoy, G. A. & Rounsaville, B. J. (2008). Computer-Assisted Delivery of Cognitive-Behavioral Therapy for Addiction: A Randomized Trial of CBT4CBT. *Am J Psychiatry*, 165 (7), pp. 881-888
18. Carroll, K. M., Ball, S. A., Martino, S., Nich, C., Babuscio, T. A. & Rounsaville, B. J. (2009). Enduring effects of a computer-assisted training program for cognitive behavioral therapy: a 6-month follow-up of CBT4CBT. *Drug and Alcohol Dependence*, 100, (1-2), pp. 178-181
19. Kadden, R., Carroll, K., Donovan, D., Cooney, N., Monti, P., Abrams, D., ... Hester, R. (1995). Cognitive - Behavioral Coping Skills Therapy Manual: A Clinical Research Guide for Therapists Treating Individuals With Alcohol Abuse and Dependence. National Institute on Alcohol Abuse and Alcoholism. Project Match Monograph Series v.3, Project Match Monograph Series Editor: Margareth E. Mattson, Rockville

20. Longabaugh, R. & Morgenstern, J. (1999). Cognitive-Behavioral Coping-Skills Therapy for Alcohol Dependence Current Status and Future Directions. *Alcohol Research & Health*. 23 (2), p.78.
21. Carroll, K. M. (1998). A Cognitive-Behavioral Approach: Treating Cocaine Addiction. NIH Publication 98-4308. Rockville, MD: National Institute on Drug Abuse.
22. Bandura A. Social Foundations of Thought and Action. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1986.
23. Oei TPS, Jackson PR. Long-term effects of group and individual social skills training with alcoholics. *Addictive Behaviors*. 1980;5:129-136.
[doi:10.1016/0306-4603\(80\)90030-1](https://doi.org/10.1016/0306-4603(80)90030-1)
24. Project MATCH Research Group. Matching alcoholism treatments to client heterogeneity: Project MATCH posttreatment drinking outcomes. *Journal of Studies on Alcohol*. 1997a;58:7-29
25. Marlatt GA, Donovan DM. Prevenção de Recaída: Estratégias de manutenção no tratamento de comportamentos adictivos. (2ª.ed.). Porto Alegre: Artmed Editora; 2009.
26. Malerich JA. Prevention of relapse in alcohol dependence. *American family physician*. 1999;59:1753-4
27. Zgierska A, Rabago D, Chawla N, Kushner K, Koehler R, Marlatt A. Mindfulness Meditation for Substance Use Disorders: A Systematic Review. *Subst Abus*. 2009;30:266–294.
doi: [10.1080/08897070903250019](https://doi.org/10.1080/08897070903250019)
28. Witkiewitz K, Marlatt AG. Relapse Prevention for Alcohol and Drug Problems: That Was Zen, This Is Tao. *American Psychologist*. 2004;59:224-235.
doi: [10.1037/0003-066X.59.4.224](https://doi.org/10.1037/0003-066X.59.4.224)

29. Flórez G, Saiz PA, García-Portilla P, De Cos FJ, Dapía S, Álvarez S, Nogueiras L, Bobes J. Predictors of Posttreatment Drinking Outcomes in Patients with Alcohol Dependence. *Eur Addict Res.* 2015;21:19-30.
doi:10.1159/000358194
30. Swift, JK, Greenberg, RP. Premature discontinuation in adult psychotherapy: A meta-analysis. *Journal of Consulting and Clinical Psychology.* 2012;80:547-559.
doi:10.1037/a0028226
31. Wierzbicki M, Pekarik G. A meta-analysis of psychotherapy dropout. *Professional Psychology: Research and Practice,* 1993;24:190-195
doi: [10.1037/0735-7028.24.2.190](https://doi.org/10.1037/0735-7028.24.2.190)
32. Lhullier AC, Nunes MLT, Horta BL. Preditores de abandono de psicoterapia em pacientes de clínica-escola. In E. F. M. Silvaes (Org.). *Atendimento psicológico em clínicas-escola.* Campinas, SP: Alínea; 2006. p. 229-246
33. Mantovani CCP, Marturano EM, Silvaes EFM. Abandono do atendimento em uma clínica-escola de psicologia infantil: variáveis associadas. *Psicologia em Estudo.* 2010;15:527-535.
doi: 10.1590/S1413-73722010000300010
34. Brown J, Miller W. Impact of motivational interviewing on participation & outcome in residential and alcoholism treatment. *Psychol Addict Behav.* 1993;7:211–218.
doi: [10.1037/0893-164X.7.4.211](https://doi.org/10.1037/0893-164X.7.4.211)
35. Hettema J, Steele J, Miller WR. Motivational interviewing. *Annu Rev Clin Psychol.* 2005;1:91–111.
doi: 10.1146/annurev.clinpsy.1.102803.143833
36. Apocada TR, Longabaugh R. Mechanisms of change in motivational interviewing: a review and preliminary evaluation of the evidence. *Addiction.* 2009;104:705-15.
doi: 10.1111/j.1360-0443.2009.02527.x.

37. Jensen CD, Cushing CC, Aylward BS, Craig JT, Sorell DM, Steele RG. Effectiveness of motivational interviewing interventions for adolescent substance use behavior change: a meta-analytic review. J Consult Clin Psychol. 2011;79:433-40.
doi: 10.1037/a0023992.
38. Smedslund G, Berg RC, Hammerstrom KT, Steiro A, Leiknes KA, Dahl HM, Karlsen K. Motivational interviewing for substance abuse. Cochrane Database Syst Rev. 2011.
doi: 10.1002/14651858.CD008063.
39. Miller WR, Rollnick S. Entrevista motivacional – preparando as pessoas para a mudança de comportamentos adictivos. Porto Alegre, Brasil: Artmed Editora; 2001.
40. Amorim P. Mini International Neuropsychiatric Interview (MINI): validação de entrevista breve para diagnóstico de transtornos mentais. Revista Brasileira de Psiquiatria. 2000;22:106-15.
doi: 10.1590/S1516-44462000000300003
41. Kessler F, Pechansky F. Manual de Aplicação da Sexta Versão da Escala de Gravidade de Dependência. Brasília: Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas (SENAD); 2006. Disponível em versão eletrônica em:http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/biblioteca/documentos/Informacoes_drogas/escalas/327585.pdf.
42. Snow G. Blockrand: Randomization for block random clinical trials. R package version 1.3. 2013. Acesso em <http://CRAN.R-project.org/package=blockrand>. 15 jan 2015.
43. Horvath AO, Greenberg L. Development and validation of the Working Alliance Inventory. Journal of Counseling Psychology. 1989;41:223-233.
doi: [10.1037/0022-0167.36.2.223](https://doi.org/10.1037/0022-0167.36.2.223)
44. Prado OZ, Meyer SB. Avaliação da relação terapêutica na terapia assíncrona via internet. Psicologia em Estudo. 2006;11:247-257.
doi: 10.1590/S1413-73722006000200003

45. Openfire. Openfire 3.9.3 has been released. 2015. <http://www.igniterealtime.org/projects/openfire/index.jsp>. Acesso em 14 Dez 2015.
46. Jitsi. 2015. <https://jitsi.org/Main/About>. Acesso em 14 Dez 2015.
47. Babor TF, Higgins-Biddle J, Saunders JB, Monteiro MG. AUDIT: Teste para identificação de problemas relacionados ao uso de álcool: roteiro para uso na atenção primária. Ribeirão Preto (SP): PAI-PAD; 2008
48. Werlang BG, Oliveira MS. Inventário de Expectativas e Crenças Pessoais Acerca do Álcool (IECPA). Versão Brasileira: São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.
49. Szupszynski KPR, Oliveira MS. Adaptação Brasileira da University of Rhode Island Change Assesment (URICA). Psico-USF. 2008;13:31-39.
50. Velasquez M, Maurer G, Crouch C, DiClemente C. Group treatment for substance abuse: a stages-of-change therapy manual. Nova Iorque: Guilford; 2001.
51. ABEP - Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa. Critério de Classificação Econômica Brasil. 2012. www.abep.org. Acesso em 15 Dez 2015.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso de bebidas alcoólicas tem se configurado como um grave problema de saúde pública de acordo com dados apresentados pela Organização Mundial da Saúde (2014) e, cada vez mais, mudanças nos padrões de consumo dos brasileiros têm sido identificadas, sendo observados aumentos na proporção de bebedores frequentes e na proporção daqueles que bebem em “binge” (Laranjeira et al., 2012). Os dados referentes à essa modificação nos padrões de consumo e ao aumento de usuários que se tornam dependentes (Carlini et al., 2006) sugerem que abordagens alternativas de tratamento para essa população podem ser promissoras e devem ser encorajadas.

A revisão de literatura realizada - Texto 1 - com o objetivo de identificar estudos empíricos com intervenções desenvolvidas por internet para usuários de bebidas alcoólicas onde houvesse a presença de um terapeuta ou mediador, mostrou que esta abordagem de tratamento pode ser promissora para este público, porém, estudos com a presença efetiva de um terapeuta são raros e predominantes em língua inglesa. Grande parte dos estudos identificados e que possuem maior investimento atualmente correspondem a um tipo de intervenção autoaplicada, onde os participantes estabeleciam uma relação interativa com o computador a partir de diversos recursos tecnológicos, como, vídeos, chats e avaliações automatizadas. Temos, ainda, o fato de que a maior parte da população identificada nos estudos, tanto aqueles com a presença de um mediador quanto aqueles autoaplicados, corresponder a indivíduos que fazem um uso problemático, de risco ou abusivo de álcool, sendo raros aqueles em que os indivíduos fazem um uso dependente da substância. Apesar do baixo número de estudos identificados onde há a presença de um terapeuta, os resultados sugerem que esta pode ser uma nova abordagem terapêutica para o tratamento de usuários de bebidas alcoólicas, porém, sua eficácia e efetividade não estão claras, havendo-se a necessidade de maiores estudos na área para a sua melhor compreensão, além de maiores estudos que envolvam usuários dependentes.

A percepção desta necessidade a partir dos dados apresentados constituiu-se como causa principal das propostas desenvolvidas no Texto 2 – “Tradução e adaptação do Projeto MATCH” – e no Texto 3 – “Terapia Cognitivo-Comportamental breve por internet para dependentes de álcool: protocolo de estudo de um ensaio clínico randomizado”.

A adaptação de uma intervenção presencial para alcoolistas desenvolvida pelo NIAAA

dos Estados Unidos sob o nome de Projeto MATCH, baseada na Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) e que obteve resultados favoráveis na redução do consumo de doses por ocasião, foi realizada a fim de verificar a efetividade de uma intervenção realizada por internet com a presença de um terapeuta para dependentes de álcool. Buscou-se agregar à forma de tratamento proposta no Projeto MATCH e que possui base teórica Cognitivo-Comportamental, elementos da Entrevista Motivacional e da Prevenção de Recaída, com a finalidade de se verificar como essas abordagens complementares atuam auxiliando o indivíduo na mudança de um comportamento e na manutenção dos ganhos obtidos. Outro ponto que foi modificado em relação ao projeto original é o público-alvo da intervenção. O Projeto MATCH recrutou como participantes não só usuários dependentes de álcool, mas também, usuários abusivos, além de indivíduos de ambos os sexos – masculino e feminino.

No ensaio clínico somente indivíduos do sexo masculino serão incluídos, o que pode corresponder a uma limitação do estudo. Porém, tal decisão foi tomada com vista a evitar um viés na amostra, dado ao fato de a maior presença de usuários dependentes de álcool na população brasileira (Carlini et al., 2006) e os que mais buscam tratamento para o alcoolismo (Soares, 2011) serem do sexo masculino.

Outra limitação importante e que não pode deixar de ser mencionada, é a impossibilidade de controlarmos a presença de outros transtornos mentais em diferentes níveis de gravidade na amostra do estudo, porém, a partir da utilização do M.I.N.I (Amorim, 2000) na entrevista para a avaliação da elegibilidade do participante, a presença de algumas comorbidades psiquiátricas poderá ser identificada. Por tratar-se do primeiro estudo desta natureza a ser realizado no país, o tamanho da amostra pode não ser suficiente pois o número de participantes desistentes pode ser maior do que o previsto pelo cálculo amostral.

Além das limitações citadas, o estudo apresenta pontos fortes que buscam controlar alguns vieses dos indivíduos provocados tanto pelos terapeutas quanto pelos participantes, pois trata-se de um estudo randomizado onde haverá a aleatorização dos participantes entre os grupos e o cegamento dos terapeutas até o momento da intervenção.

O protocolo de estudo proposto será utilizado como um guia para a melhor adequação da realização do ensaio clínico futuramente. Deve-se considerar que a realização de estudos de protocolo é relativamente recente, principalmente na psicologia. Atualmente, existem alguns periódicos internacionais que se propõem a publicar exclusivamente protocolos de estudo, dada sua importância (Jones, & Abbasi, 2004). Deve-se considerar, ainda, que no Brasil não há tradição na realização de ensaios clínicos e na busca de evidências na prática psicológica. Neste sentido, este estudo traz uma visão inovadora para a área no país propondo

o uso de uma metodologia com rigor científico que tornará possível fomentar evidências de uma abordagem alternativa para o tratamento de dependentes de álcool.

O interesse em outros países por intervenções via internet tem aumentado para diferentes transtornos mentais, inclusive para transtornos relacionados ao uso de álcool e outras drogas. Como no país não foram identificados nenhum estudo desta natureza e como esta nova abordagem de tratamento tem se mostrado eficaz e efetiva, torna-se pertinente à realização de um ensaio clínico randomizado com o objetivo de avaliar a efetividade da intervenção por internet com a presença de um terapeuta para dependentes de álcool em uma amostra brasileira.

8.1. Referências:

- Amorim, P. (2000). Mini International Neuropsychiatric Interview (MINI): validação de entrevista breve para diagnóstico de transtornos mentais. *Rev Bras Psiquiatr.*, 22(3), 106-15.
- Carlini, E. A., Galduróz, J. C., Noto, A. R., Carlini, C. M., Oliveira, L. G., Nappo, S. A., ... Sanchez, Z. V. D. M. (2006). II Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país - 2005. São Paulo : CEBRID – Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas : UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo.
- Jones, G., & Abbasi, K. (2004). Trial protocols at the BMJ [Editorial]. *BMJ*. 329, 1360.
- Laranjeira, R.; Madruga, C. S.; Ribeiro, M.; Pinsky, I.; Caetano, R., & Mitsuhiro, S. S. (2012). II LENAD – II Levantamento nacional de álcool e drogas. São Paulo: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Políticas Públicas do Álcool e Outras Drogas. Universidade Federal de São Paulo. Recuperado em 12/01/2015 em <http://inpad.org.br/lenad/resultados/alcool/press-release/>
- Organização Mundial de Saúde. (2014). Global status report on alcohol and health. Genebra: Organização Mundial de Saúde. Recuperado em 13/01/2015 de http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/112736/1/9789240692763_eng.pdf?ua=1
- Soares, B. G. (2011). A Efetividade das Intervenções Psicoterápicas no Tratamento dos Distúrbios por Uso de Álcool. In: Tamara Melnik, Álvaro Nagib Atallah (org). *Psicologia Baseada em Evidências: Provas Científicas da Efetividade da Psicoterapia*. São Paulo: Santos Editora, Grupo Editorial Nacional.

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP/UFJF
36036-900 JUIZ DE FORA - MG – BRASIL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr. (a) está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “PSICOTERAPIAS BREVES UTILIZANDO A INTERNET PARA USUÁRIOS DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS”. Nesta pesquisa pretendemos **avaliar se a psicoterapia breve, realizada via internet, é efetiva para dependentes de álcool e outras drogas**. O motivo que nos leva a estudar esta modalidade de psicoterapia é o **número insuficiente de oferta de tratamento para pessoas que desejam se tratar para dependência de substâncias psicotrópicas no Brasil**. Isso é importante, porque, além do aumento do consumo de bebidas e outras drogas em nosso país, sabe-se que o uso de drogas está amplamente associado ao desenvolvimento de doenças graves, além de prejuízos sociais e psicológicos. Desta forma, acreditamos que a psicoterapia realizada via internet pode ser uma alternativa para as pessoas que desejam se tratar.

Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos: **Se o Sr. (a) decidir participar deste estudo, em um primeiro momento, será entrevistado por um psicólogo, que utilizará alguns questionários que avaliam o uso de álcool ou drogas e outras informações sociodemográficas**. Essas entrevistas deverão durar cerca de 1 hora. Em seguida o Sr. (a) será encaminhado para a psicoterapia breve, que poderá ser presencial ou realizada via internet. Caso Sr. (a) esteja lendo este Termo no site (www.informalcool.org.br) sua opção de tratamento neste estudo é exclusivamente pela internet. As sessões de terapia serão realizadas semanalmente, com cerca de 1 hora de duração. A psicoterapia via internet será realizada por meio de ferramentas virtuais conhecidas, como Skype ou Messenger. Além disso, um psicólogo irá anotar semanalmente em seu prontuário as principais atividades realizadas nas sessões. A fim de garantir o sigilo das

informações, serão utilizados computadores exclusivos para a realização do estudo, as sessões não serão gravadas e todo o material utilizado será arquivado no Centro de Psicologia Aplicada da Universidade Federal de Juiz de Fora, que segue todos os protocolos exigidos pelo Conselho Federal de Psicologia quanto ao sigilo das informações dos pacientes atendidos. Os procedimentos seguem todos os critérios do Conselho Federal de Psicologia, segundo a Resolução N° 011/2012, que regulamenta os serviços psicológicos realizados por meios tecnológicos de comunicação à distância e o atendimento psicoterapêutico em caráter experimental (em anexo).

Este estudo apresenta risco mínimo, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler, etc. Os benefícios que os participantes poderão obter serão provenientes dos seus objetivos com a terapia, como a redução ou eliminação do consumo de álcool ou drogas. O Sr. (a) não receberá qualquer ressarcimento para participar do estudo.

Para participar deste estudo o Sr (a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. O Sr. (a) não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, no “**Centro de Psicologia Aplicada da Universidade Federal de Juiz de Fora**” e a outra será fornecida ao senhor. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos.

Eu, _____, portador do documento de Identidade _____ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa “**PSICOTERAPIAS BREVES UTILIZANDO A INTERNET PARA USUÁRIOS DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS**”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Juiz de Fora, _____ de _____ de 20 .

Nome	Assinatura participante	Data
------	-------------------------	------

Nome	Assinatura pesquisador	Data
------	------------------------	------

Nome	Assinatura testemunha	Data
------	-----------------------	------

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP - COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA/UFJF

CAMPUS UNIVERSITÁRIO DA UFJF

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA

CEP: 36036-900

FONE: (32) 2102- 3788 /E-MAIL: cep.propesq@ufjf.edu.br

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: PROFA. DRA. LAISA MARCORELA ANDREOLI SARTES

ENDEREÇO: RUA JOSÉ LOURENÇO KELMER S/N – DEP. PSICOLOGIA – ICH – CIDADE UNIVERSITÁRIA

CEP: 36036-900 – JUIZ DE FORA – MG

FONE: (32): 2102-3117

E-MAIL: laisa.sartes@gmail.com / laisa.sartes@ufjf.edu.br

Serviços públicos		
	Não	Sim
Água encanada	0	4
Rua pavimentada	0	2

(*) Independente ou 2a porta da geladeira

Posse de Itens

Posse de itens	QUANTIDADE				
	0	1	2	3	4 ou +
Banheiros	0	3	7	10	14
Empregados domésticos	0	3	7	10	13
Automóveis	0	3	5	8	11
Microcomputador	0	3	6	8	11
Lava louça	0	3	6	6	6
Geladeira	0	2	3	5	5
Freezer*	0	2	4	6	6
Lava roupa	0	2	4	6	6
DVD	0	1	3	4	6
Micro-ondas	0	2	4	4	4
Motocicleta	0	1	3	3	3
Secadora de roupas	0	2	2	2	2

Cortes do Critério Brasil

Classe	Pontos
A	45 a 100 pontos
B1	38 a 44 pontos
B2	29 a 37 pontos
C1	23 a 28 pontos
C2	17 a 22 pontos
D – E	0 a 16 pontos

Soma: _____

Classificação final: _____

ANEXO 03: Área Álcool do The Addiction Severity Index (ASI)

Escala de Gravidade de Dependência

The Addiction Severity Index (ASI)

Versão 6

Observação:

Este instrumento encontra-se em fase de adaptação para a língua portuguesa. Seus direitos autorais pertencem à Universidade da Pensilvânia, e suas informações não podem ser divulgadas ou distribuídas sem o prévio consentimento dos autores. O Centro de Pesquisa em Alcool e Drogas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) é o responsável pela utilização desta versão em português, que ainda se encontra em fase de testes. Quaisquer informações sobre o instrumento no Brasil podem ser obtidas pelos seguintes contatos:

Dr. Felix Kessler:

kessler.ez@terra.com.br

Dr. Flavio Pechansky:

fpechans@uol.com.br

Resumo dos Escores de Gravidade do ASI

Sub-escalas	Ques- tão	Grau de Preocupação	Ques- tão	Necessidade de Tratamento
Médica	M23	0 - 1 - 2 - 3 - 4	M24	0 - 1 - 2 - 3 - 4
Emprego/S.	---	-----	E23	0 - 1 - 2 - 3 - 4
Alcool	D22	0 - 1 - 2 - 3 - 4	D23	0 - 1 - 2 - 3 - 4
Drogas	D47	0 - 1 - 2 - 3 - 4	D48	0 - 1 - 2 - 3 - 4
Legal	L25	0 - 1 - 2 - 3 - 4	---	-----
Família/Soc.	F14	0 - 1 - 2 - 3 - 4	F15	0 - 1 - 2 - 3 - 4
Trauma	F38	0 - 1 - 2 - 3 - 4	F39	0 - 1 - 2 - 3 - 4
Filhos	F48	0 - 1 - 2 - 3 - 4	F49	0 - 1 - 2 - 3 - 4
Psiquiátrica	P20	0 - 1 - 2 - 3 - 4	P21	0 - 1 - 2 - 3 - 4

Códigos para aplicação do instrumento:

X – não sabe ou não entendeu a
questão
N – não se aplica
Q – não quis responder
B – o entrevistador deixou em
branco incorretamente

ASI6

Drogas / Alcool – As questões a seguir são sobre o seu uso de álcool e drogas, e sobre qualquer tratamento para abuso de substâncias que você tenha recebido.

Histórico de Tratamentos

- D1. Quantas vezes diferentes você já foi tratado para seu uso de álcool ou drogas?
- inclui avaliações para tratamento mesmo que não tenham se transformado em tratamento. Não incluir AA / NA. 00 → D6
- D2. Quantos desses tratamentos foram apenas para desintoxicação?
- desintoxicação não seguida por tratamento adicional.
- D3. Que idade você tinha quando entrou pela primeira vez em um tratamento para álcool/drogas?

Quanto dias você:

- A. Últimos 6 meses B. 30 Dias
- D4. Participou de programa ambulatorial ou de consulta médica para tratamento de problemas relacionados a álcool ou drogas?
000 → D5
- D5. Tomou medicação prescrita para tratar seu uso de álcool ou drogas?
ex.: disulfiram, naltrexona (Revia), acamprosato (Campral), medicamento para desintoxicação, diazepam, metadona, etc.
 - inclui medicamentos para dependência de nicotina. 000 → D6
- D6. Participou de reuniões de auto-ajuda (ex.: AA, NA)?
[se nunca participou → D8]
- D7. Qual o período de tempo contínuo mais longo que você participou de reuniões de auto-ajuda, pelo menos 2 dias/semana?
Anos Meses

Uso de Alcool

- D8. Quantos anos na sua vida você bebeu álcool regularmente, 3 ou + dias/semana?
- inclui períodos em álcool 00 → D10
- D9. Quantos anos na sua vida você bebeu pelo menos (5-homem, 4-mulher) drinks¹ por dia regularmente, 3 ou + dias por semana?
>0 → D11
- D10. Você bebeu pelo menos (5-homem, 4-mulher) drinks por dia em 30 dias ou mais em sua vida?
1-Sim, 0-Não
- D11. Que idade você tinha quando bebeu e sentiu pela primeira vez os efeitos do álcool? [se nunca, codifique NN]
- D12. Nos últimos 6 meses, durante o mês em que você estava bebendo mais, com que frequência você bebia?
0 - Sem uso (→ D20) 3 - 3-6 vezes por semana
 1 - 1-3 vezes por mês 4 - Diariamente
 2 - 1-2 vezes por semana
- D13. Nos últimos 30 dias, quantos dias você bebeu qualquer tipo de bebida alcoólica?
00 → D20

¹ Um drink = considero aproximadamente 4, dose de destilado, 1 cálice de vinho ou uma lata de cerveja.

- D14. Quando você bebeu pela última vez?
[00 se hoje, 01 se ontem, 02 se 2 dias antes, etc.]
- D15. Nos últimos 30 dias, quantos dias você bebeu pelo menos (5 p/ homens, 4 p/ mulheres) drinks em um dia?
- D16. Nos últimos 30 dias, quanto dinheiro você gastou em álcool para você? R\$

Sintomas do Alcool

Nos últimos 30 dias:

- D17. Você teve qualquer sintoma de abstinência logo após ter diminuído ou parado de beber?
1 - Sim, 0 - Não
- D18. Você teve alguma dificuldade em controlar, diminuir, ou parar de beber ou passou grande parte do dia bebendo?
1 - Sim, 0 - Não
- D19. Por causa do seu beber, você teve algum problema médico ou psicológico; ou teve problemas no emprego (escola) ou em casa, teve discussões; ou teve problema com a lei?
1 - Sim, 0 - Não
- D20. Você foi incomodado por fissuras ou desejos intensos de beber?
1 - Sim, 0 - Não
- D21. Quantos dias você teve essas ou qualquer outra dificuldade devido ao uso de álcool?
00 → D13
- D22. Nos últimos 30 dias, quão preocupado ou incomodado você tem estado com esses problemas com álcool?
 0 - Nada 3 - Consideravelmente
 1 - Levemente 4 - Extremamente
- D23. Neste momento, quão importante é para você o tratamento (atual ou adicional) para o seu uso de álcool?
 0 - Nada 3 - Consideravelmente
 1 - Levemente 4 - Extremamente
 2 - Moderadamente
- D24. Quão importante é para você alcançar/manter abstinência total do álcool (i.e., não beber nada)?
 0 - Nada 3 - Consideravelmente
 1 - Levemente 4 - Extremamente
 2 - Moderadamente

Comentários:

ANEXO 04: Mini International Neuropsychiatric Interview (M.I.N.I)

Este documento não pode ser reproduzido, todo ou em parte, ou cedido de qualquer forma, incluindo fotocópias, nem armazenado em sistema informático, sem a autorização escrita prévia dos autores. Os pesquisadores e os clínicos que trabalham em instituições públicas (como universidades, hospitais, organismos governamentais) podem fotocopiar o M.I.N.I. para utilização no contexto estrito de suas atividades clínicas e de investigação.

ANEXO 05: Inventário de Expectativas e Crenças Pessoais Acerca do Álcool (IECPA)

Obs.: Este instrumento não pode ser incluído nos anexos por ser um instrumento com direitos autorais que não pode ser disponibilizado gratuitamente.

ANEXO 06: Adaptação Brasileira do University of Rhode Island Change Assessment Scale (URICA)

URICA

Este questionário servirá para nos ajudar a melhorar este serviço. Cada frase descreve como uma pessoa pode se sentir quando começa um tratamento ou aborda um problema na sua vida. Por favor, indique o quanto você concorda ou discorda de cada frase. Em cada caso, faça uma escolha em termos do que você está sentindo agora e não o que você sentiu no passado ou gostaria de sentir.

Para todas as frases que se referem ao seu problema, pense no seu consumo de bebidas alcoólicas. E aqui se refere a este local ou programa de tratamento.

Existem 5 respostas possíveis para cada um dos itens do questionário. Indique a resposta que melhor descreve sua opinião:

- 1 – Discorda muito
- 2 – Discorda
- 3 – Indeciso
- 4 – Concorda
- 5 – Concorda muito

	Discorda Muito	Discorda	Indeciso	Concorda	Concorda Muito
1 - No meu ponto de vista, eu não tenho nenhum problema que precisa de mudança.					
2 - Eu acho que posso estar pronto para alguma melhora pessoal.					
3 - Eu estou fazendo algo sobre meus problemas que estão me incomodando.					
4 - Vale a pena trabalhar o meu problema.					
5 - Não sou eu quem tem o problema. Não faz muito sentido para mim estar aqui.					
6 - Você está preocupado em voltar a ter o problema que você pensou que já tinha resolvido? () Não - Coloque a resposta Discordo Muito – Vá para Q7 () Sim Por isso estou aqui, para buscar ajuda.					
7 - Eu estou finalmente tomando providências para resolver meu problema.					
8 - Eu tenho pensado que posso querer mudar alguma coisa sobre eu mesmo.					
9 - Você tem tido sucesso em					

resolver seu problema? () Não - Coloque a resposta Discordo Muito – Vá para Q10 () Sim - Mas não tenho certeza que eu posso manter este esforço sozinho.					
10 - Às vezes meu problema é difícil, mas estou tentando resolvê-lo.					
11 - Estar aqui é uma perda de tempo para mim, porque o problema não tem nada a ver comigo.					
12 - Eu espero que este lugar venha ajudar a me entender.					
13 - Eu suponho ter defeitos, mas não há nada que eu realmente precise mudar.					
14 - Eu realmente estou me esforçando muito para mudar.					
15 - Eu tenho um problema e realmente acho que deveria tentar resolvê-lo.					
16 - Você conseguiu mudar algo em relação ao seu problema? () Não - Coloque a resposta Discordo Muito – Vá para Q17 () Sim – Mas não estou conseguindo dar continuidade como eu esperava ao que já tinha mudado e, estou aqui para prevenir uma recaída.					
17 - Mesmo que nem sempre eu tenha sucesso com a mudança, pelo menos estou me esforçando para resolver meu problema.					
18 - Eu pensei que uma vez resolvido o problema, estaria livre dele. Mas algumas vezes eu ainda percebo que estou lutando com ele.					
19 - Eu espero ter mais ideias de como resolver meu problema.					
20 - Você começou tentar resolver seu problema? () Não - Coloque a resposta Discordo Muito – Vá para Q21 () Sim – Mas gostaria de receber ajuda.					
21 - Talvez este lugar possa me					

ajudar.					
22 - Você fez alguma mudança em relação ao seu problema? () Não - Coloque a resposta Discordo Muito – Vá para Q23 () Sim - Mas eu posso precisar de um estímulo agora para ajudar a manter as mudanças que já fiz.					
23 - É possível que eu seja parte do problema, mas não acho que eu sou.					
24 - Eu espero que alguém aqui possa me dar boas orientações.					
25 - Qualquer um pode falar sobre mudanças, mas eu estou realmente fazendo alguma coisa sobre isso.					
26 - Toda essa conversa sobre psicologia é chata. Por que as pessoas não podem simplesmente esquecer seus problemas?					
27 - Eu estou aqui para prevenir uma recaída.					
28 - É frustrante, mas eu acho que posso estar tendo uma recaída.					
29 - Eu tenho preocupações como todo mundo. Por que perder tempo pensando nelas?					
30 - Eu estou tentando ativamente resolver meu problema.					
31 - Eu preferiria conviver com meus defeitos a tentar mudá-los.					
32 - Depois de tudo que eu fiz para mudar meu problema, às vezes ele volta a me perseguir.					

ANEXO 07: Régua da Prontidão

Marque um ponto na linha que melhor expressa a sua resposta para a pergunta:

O quanto você se considera pronto neste momento para mudar o seu comportamento com relação ao seu uso de bebidas alcoólicas?

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

0 – Não estou nada pronto para mudar

10 – Estou trabalhando ativamente na mudança ou mantendo a mudança

ANEXO 08. Working Alliance Inventory (WAI)

Terapeuta: _____ Cliente: _____
 Idade: _____ Sexo: _____ Idade: _____ Sexo: _____ Diagnóstico: _____

<p>Inventário de Aliança Terapêutica</p> <p>Versão Terapeuta</p> <p>Instruções</p> <p>Nas páginas seguintes você encontrará frases que descrevem o modo como uma pessoa pode pensar ou sentir acerca do seu cliente.</p> <p>Abaixo de cada afirmação existe uma escala de sete pontos:</p>						
--	--	--	--	--	--	--

1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Às vezes	Frequentemente	Muito Frequentemente	Sempre

Por exemplo: Se a afirmação descrever o modo como se sente (ou pensa) *sempre* faça um círculo no número 7; se *nunca* faça um círculo no número 1. Use os outros números para descrever variações entre estes dois extremos.

Este questionário é CONFIDENCIAL

Responda rapidamente, suas primeiras impressões são as mais importantes.
 (POR FAVOR NÃO SE ESQUEÇA DE RESPONDER A **TODOS** OS ITENS)

Obrigado por sua colaboração.

© A. O. Horvath, 1981, 1984

Versão autorizada para Língua Portuguesa: Paulo Machado e Cristiano Nabuco de Abreu

1. Sinto-me desconfortável com o(a) meu(a) cliente.

1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Às vezes	Frequentemente	Muito Frequentemente	Sempre

2. O(a) meu(a) cliente e eu estamos de acordo acerca das coisas que são necessárias fazer em terapia para ajudar a melhorar a sua situação

1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Às vezes	Frequentemente	Muito Frequentemente	Sempre

3. Tenho algumas preocupações acerca do resultado destas sessões.

1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Às vezes	Frequentemente	Muito Frequentemente	Sempre

4. O(a) meu(a) cliente e eu temos confiança na utilidade das nossas atividades em terapia.

1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Às vezes	Frequentemente	Muito Frequentemente	Sempre

5. Sinto que compreendo realmente o(a) meu(a) cliente.

1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Às vezes	Frequentemente	Muito Frequentemente	Sempre

6. O(a) meu(a) cliente e eu temos uma percepção comum acerca dos seus objetivos.

1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Às vezes	Frequentemente	Muito Frequentemente	Sempre

7. O(a) meu(a) cliente acha confuso o que estamos fazendo em terapia.						
1 Nunca	2 Raramente	3 Ocasionalmente	4 Às vezes	5 Frequentemente	6 Muito Frequentemente	7 Sempre
8. Acho que o(a) meu(a) cliente gosta de mim.						
1 Nunca	2 Raramente	3 Ocasionalmente	4 Às vezes	5 Frequentemente	6 Muito Frequentemente	7 Sempre
9. Sinto a necessidade de explicar a finalidade das nossas sessões.						
1 Nunca	2 Raramente	3 Ocasionalmente	4 Às vezes	5 Frequentemente	6 Muito Frequentemente	7 Sempre
10. O(a) meu(a) cliente e eu discordamos acerca dos objetivos destas sessões.						
1 Nunca	2 Raramente	3 Ocasionalmente	4 Às vezes	5 Frequentemente	6 Muito Frequentemente	7 Sempre
11. Acredito que o tempo que passo com o(a) meu(a) cliente não é utilizado de um modo eficaz.						
1 Nunca	2 Raramente	3 Ocasionalmente	4 Às vezes	5 Frequentemente	6 Muito Frequentemente	7 Sempre
12. Tenho dúvidas acerca daquilo que tentamos conseguir com a terapia.						
1 Nunca	2 Raramente	3 Ocasionalmente	4 Às vezes	5 Frequentemente	6 Muito Frequentemente	7 Sempre
13. Sou claro e explícito acerca das responsabilidades do(a) meu(a) cliente na terapia.						
1 Nunca	2 Raramente	3 Ocasionalmente	4 Às vezes	5 Frequentemente	6 Muito Frequentemente	7 Sempre
14. Os objetivos destas sessões são importantes para o(a) meu(a) cliente.						
1 Nunca	2 Raramente	3 Ocasionalmente	4 Às vezes	5 Frequentemente	6 Muito Frequentemente	7 Sempre
15. Acho que o que eu e o(a) meu(a) cliente fazemos em terapia não está relacionado com as suas preocupações.						
1 Nunca	2 Raramente	3 Ocasionalmente	4 Às vezes	5 Frequentemente	6 Muito Frequentemente	7 Sempre
16. Sinto que aquilo que fazemos em terapia ajudará o(a) meu(a) cliente a atingir as mudanças que deseja.						
1 Nunca	2 Raramente	3 Ocasionalmente	4 Às vezes	5 Frequentemente	6 Muito Frequentemente	7 Sempre
17. Estou genuinamente preocupado com o bem-estar do(a) meu(a) cliente.						
1 Nunca	2 Raramente	3 Ocasionalmente	4 Às vezes	5 Frequentemente	6 Muito Frequentemente	7 Sempre
18. Sou claro acerca do que espero que o(a) meu(a) cliente faça nestas sessões.						
1 Nunca	2 Raramente	3 Ocasionalmente	4 Às vezes	5 Frequentemente	6 Muito Frequentemente	7 Sempre

19. O(a) meu(a) cliente e eu respeitamo-nos mutuamente.

1 Nunca	2 Raramente	3 Ocasionalmente	4 Às vezes	5 Frequentemente	6 Muito Frequentemente	7 Sempre
------------	----------------	---------------------	---------------	---------------------	------------------------------	-------------

20. Sinto que não sou totalmente honesto acerca daquilo que sinto em relação ao(à) meu(a) cliente.

1 Nunca	2 Raramente	3 Ocasionalmente	4 Às vezes	5 Frequentemente	6 Muito Frequentemente	7 Sempre
------------	----------------	---------------------	---------------	---------------------	------------------------------	-------------

21. Tenho confiança na minha capacidade de ajudar o(a) meu(a) cliente.

1 Nunca	2 Raramente	3 Ocasionalmente	4 Às vezes	5 Frequentemente	6 Muito Frequentemente	7 Sempre
------------	----------------	---------------------	---------------	---------------------	------------------------------	-------------

22. O(a) meu(a) cliente e eu trabalhamos para alcançar objetivos que foram mutuamente acordados.

1 Nunca	2 Raramente	3 Ocasionalmente	4 Às vezes	5 Frequentemente	6 Muito Frequentemente	7 Sempre
------------	----------------	---------------------	---------------	---------------------	------------------------------	-------------

23. Aprecio o(a) meu(a) cliente como pessoa.

1 Nunca	2 Raramente	3 Ocasionalmente	4 Às vezes	5 Frequentemente	6 Muito Frequentemente	7 Sempre
------------	----------------	---------------------	---------------	---------------------	------------------------------	-------------

24. Estamos de acordo acerca daquilo em que é importante o(a) meu(a) cliente trabalhar.

1 Nunca	2 Raramente	3 Ocasionalmente	4 Às vezes	5 Frequentemente	6 Muito Frequentemente	7 Sempre
------------	----------------	---------------------	---------------	---------------------	------------------------------	-------------

25. Como resultado destas sessões torna-se mais claro para o(a) meu(a) cliente como será possível ele(a) mudar.

1 Nunca	2 Raramente	3 Ocasionalmente	4 Às vezes	5 Frequentemente	6 Muito Frequentemente	7 Sempre
------------	----------------	---------------------	---------------	---------------------	------------------------------	-------------

26. O(a) meu(a) cliente e eu confiamos um no outro.

1 Nunca	2 Raramente	3 Ocasionalmente	4 Às vezes	5 Frequentemente	6 Muito Frequentemente	7 Sempre
------------	----------------	---------------------	---------------	---------------------	------------------------------	-------------

27. O(a) meu(a) cliente e eu temos idéias diferentes acerca de quais são os seus problemas.

1 Nunca	2 Raramente	3 Ocasionalmente	4 Às vezes	5 Frequentemente	6 Muito Frequentemente	7 Sempre
------------	----------------	---------------------	---------------	---------------------	------------------------------	-------------

28. A minha relação com o(a) meu(a) cliente é importante para ele(a).

1 Nunca	2 Raramente	3 Ocasionalmente	4 Às vezes	5 Frequentemente	6 Muito Frequentemente	7 Sempre
------------	----------------	---------------------	---------------	---------------------	------------------------------	-------------

29. Sinto que o(a) meu(a) cliente tem medo de que se disser ou fizer algo errado, eu deixe de trabalhar com ele(a).

1 Nunca	2 Raramente	3 Ocasionalmente	4 Às vezes	5 Frequentemente	6 Muito Frequentemente	7 Sempre
------------	----------------	---------------------	---------------	---------------------	------------------------------	-------------

30. O(a) meu(a) cliente e eu colaboramos na definição dos objetivos destas sessões.

1 Nunca	2 Raramente	3 Ocasionalmente	4 Às vezes	5 Frequentemente	6 Muito Frequentemente	7 Sempre
------------	----------------	---------------------	---------------	---------------------	------------------------------	-------------

31. O(a) meu(a) cliente está frustrado(a) com as coisas que eu peço para ele(a) fazer em terapia.

1 Nunca	2 Raramente	3 Ocasionalmente	4 Às vezes	5 Frequentemente	6 Muito Frequentemente	7 Sempre
------------	----------------	---------------------	---------------	---------------------	------------------------------	-------------

32. Estabelecemos um bom entendimento quanto às mudanças que seriam boas para o(a) meu(a) cliente.

1 Nunca	2 Raramente	3 Ocasionalmente	4 Às vezes	5 Frequentemente	6 Muito Frequentemente	7 Sempre
------------	----------------	---------------------	---------------	---------------------	------------------------------	-------------

33. As coisas que fazemos em terapia não fazem muito sentido para o(a) meu(a) cliente.

1 Nunca	2 Raramente	3 Ocasionalmente	4 Às vezes	5 Frequentemente	6 Muito Frequentemente	7 Sempre
------------	----------------	---------------------	---------------	---------------------	------------------------------	-------------

34. O(a) meu(a) cliente não sabe o que esperar como resultado da terapia.

1 Nunca	2 Raramente	3 Ocasionalmente	4 Às vezes	5 Frequentemente	6 Muito Frequentemente	7 Sempre
------------	----------------	---------------------	---------------	---------------------	------------------------------	-------------

35. O(a) meu(a) cliente acredita que o modo como estamos trabalhando com o seu problema é correto.

1 Nunca	2 Raramente	3 Ocasionalmente	4 Às vezes	5 Frequentemente	6 Muito Frequentemente	7 Sempre
------------	----------------	---------------------	---------------	---------------------	------------------------------	-------------

36. Eu respeito o(a) meu(a) cliente mesmo quando faz coisas que eu não aprovo.

1 Nunca	2 Raramente	3 Ocasionalmente	4 Às vezes	5 Frequentemente	6 Muito Frequentemente	7 Sempre
------------	----------------	---------------------	---------------	---------------------	------------------------------	-------------

Idade: _____ Sexo: _____

<p>Inventário de Aliança Terapêutica</p> <p>Versão Cliente</p> <p>Instruções</p> <p>Nas páginas seguintes você encontrará frases que descrevem o modo como uma pessoa pode pensar ou sentir acerca do seu terapeuta.</p> <p>Abaixo de cada afirmação existe uma escala de sete pontos:</p>
--

1 Nunca	2 Raramente	3 Ocasionalmente	4 Às vezes	5 Frequentemente	6 Muito Frequentemente	7 Sempre
------------	----------------	---------------------	---------------	---------------------	------------------------------	-------------

Por exemplo: Se a afirmação descrever o modo como se sente (ou pensa) *sempre* faça um círculo no número 7; se *nunca* faça um círculo no número 1. Use os outros números para descrever variações entre estes dois extremos.

Este questionário é CONFIDENCIAL

Responda rapidamente, suas primeiras impressões são as mais importantes.
(POR FAVOR NÃO SE ESQUEÇA DE RESPONDER A **TODOS** OS ITENS)

Obrigado por sua colaboração.

© A. O. Horvath, 1981, 1984
Versão autorizada para Língua Portuguesa: Paulo Machado e Cristiano Nabuco de Abreu

1. Sinto-me desconfortável com o(a) meu(a) terapeuta.						
1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Às vezes	Freqüentemente	Muito Freqüentemente	Sempre
2. O(a) meu(a) terapeuta e eu estamos de acordo acerca das coisas que são necessárias fazer em terapia para ajudar a melhorar a minha situação						
1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Às vezes	Freqüentemente	Muito Freqüentemente	Sempre
3. Estou preocupado(a) com o resultado destas sessões.						
1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Às vezes	Freqüentemente	Muito Freqüentemente	Sempre
4. O que eu faço na terapia permite-me ver o meu problema de novas formas.						
1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Às vezes	Freqüentemente	Muito Freqüentemente	Sempre
5. Eu e o(a) meu(a) terapeuta compreendemo-nos mutuamente.						
1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Às vezes	Freqüentemente	Muito Freqüentemente	Sempre
6. O(a) meu(a) terapeuta percebe, com clareza, quais são os meus objetivos.						
1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Às vezes	Freqüentemente	Muito Freqüentemente	Sempre
7. Acho confuso o que estou fazendo em terapia.						
1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Às vezes	Freqüentemente	Muito Freqüentemente	Sempre
8. Acho que o(a) meu(a) terapeuta gosta de mim.						
1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Às vezes	Freqüentemente	Muito Freqüentemente	Sempre
9. Gostaria que o(a) meu(a) terapeuta e eu pudéssemos deixar claro a finalidade das nossas sessões.						
1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Às vezes	Freqüentemente	Muito Freqüentemente	Sempre
10. Discordo do meu(a) terapeuta acerca dos objetivos da terapia.						
1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Às vezes	Freqüentemente	Muito Freqüentemente	Sempre
11. Acredito que o tempo que passo com o(a) meu(a) terapeuta não é utilizado de um modo eficaz.						
1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Às vezes	Freqüentemente	Muito Freqüentemente	Sempre
12. O(a) meu(a) terapeuta não percebe aquilo que tento conseguir com a terapia.						
1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Às vezes	Freqüentemente	Muito Freqüentemente	Sempre

13. Está claro para mim quais as minhas responsabilidades na terapia.

1 Nunca	2 Raramente	3 Ocasionalmente	4 Às vezes	5 Frequentemente	6 Muito Frequentemente	7 Sempre
------------	----------------	---------------------	---------------	---------------------	------------------------------	-------------

14. Os objetivos destas sessões são importantes para mim.

1 Nunca	2 Raramente	3 Ocasionalmente	4 Às vezes	5 Frequentemente	6 Muito Frequentemente	7 Sempre
------------	----------------	---------------------	---------------	---------------------	------------------------------	-------------

15. Acho que o que eu e o(a) meu(a) terapeuta fazemos em terapia não está relacionado com as minhas preocupações.

1 Nunca	2 Raramente	3 Ocasionalmente	4 Às vezes	5 Frequentemente	6 Muito Frequentemente	7 Sempre
------------	----------------	---------------------	---------------	---------------------	------------------------------	-------------

16. Sinto que aquilo que faço em terapia me ajudará a atingir as mudanças que desejo.

1 Nunca	2 Raramente	3 Ocasionalmente	4 Às vezes	5 Frequentemente	6 Muito Frequentemente	7 Sempre
------------	----------------	---------------------	---------------	---------------------	------------------------------	-------------

17. Acredito que meu(a) terapeuta está genuinamente preocupado com o meu bem-estar.

1 Nunca	2 Raramente	3 Ocasionalmente	4 Às vezes	5 Frequentemente	6 Muito Frequentemente	7 Sempre
------------	----------------	---------------------	---------------	---------------------	------------------------------	-------------

18. Está claro para mim o que o(a) meu(a) terapeuta quer que eu faça nestas sessões.

1 Nunca	2 Raramente	3 Ocasionalmente	4 Às vezes	5 Frequentemente	6 Muito Frequentemente	7 Sempre
------------	----------------	---------------------	---------------	---------------------	------------------------------	-------------

19. O(a) meu(a) terapeuta e eu respeitamo-nos mutuamente.

1 Nunca	2 Raramente	3 Ocasionalmente	4 Às vezes	5 Frequentemente	6 Muito Frequentemente	7 Sempre
------------	----------------	---------------------	---------------	---------------------	------------------------------	-------------

20. Sinto que o(a) meu(a) terapeuta não é totalmente honesto(a) acerca daquilo que sente em relação a mim.

1 Nunca	2 Raramente	3 Ocasionalmente	4 Às vezes	5 Frequentemente	6 Muito Frequentemente	7 Sempre
------------	----------------	---------------------	---------------	---------------------	------------------------------	-------------

21. Tenho confiança na capacidade de meu(a) terapeuta para me ajudar.

1 Nunca	2 Raramente	3 Ocasionalmente	4 Às vezes	5 Frequentemente	6 Muito Frequentemente	7 Sempre
------------	----------------	---------------------	---------------	---------------------	------------------------------	-------------

22. O(a) meu(a) terapeuta e eu trabalhamos para alcançar objetivos que foram mutuamente acordados.

1 Nunca	2 Raramente	3 Ocasionalmente	4 Às vezes	5 Frequentemente	6 Muito Frequentemente	7 Sempre
------------	----------------	---------------------	---------------	---------------------	------------------------------	-------------

23. Sinto que o(a) meu(a) terapeuta me aprecia.

1 Nunca	2 Raramente	3 Ocasionalmente	4 Às vezes	5 Frequentemente	6 Muito Frequentemente	7 Sempre
------------	----------------	---------------------	---------------	---------------------	------------------------------	-------------

24. Estamos de acordo acerca daquilo em que é importante eu trabalhar.

1 Nunca	2 Raramente	3 Ocasionalmente	4 Às vezes	5 Frequentemente	6 Muito Frequentemente	7 Sempre
------------	----------------	---------------------	---------------	---------------------	------------------------------	-------------

25. Como resultado destas sessões torna-se mais claro para mim como será possível eu mudar.

1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Às vezes	Freqüentemente	Muito Freqüentemente	Sempre

26. O(a) meu(a) terapeuta e eu confiamos um no outro.

1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Às vezes	Freqüentemente	Muito Freqüentemente	Sempre

27. O(a) meu(a) terapeuta e eu temos idéias diferentes acerca de quais são os meus problemas.

1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Às vezes	Freqüentemente	Muito Freqüentemente	Sempre

28. A minha relação com o(a) meu(a) terapeuta é muito importante para mim.

1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Às vezes	Freqüentemente	Muito Freqüentemente	Sempre

29. Sinto que se disser ou fizer algo errado, o(a) meu(a) terapeuta deixará de trabalhar comigo.

1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Às vezes	Freqüentemente	Muito Freqüentemente	Sempre

30. O(a) meu(a) terapeuta e eu colaboramos na definição dos objetivos da minha terapia.

1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Às vezes	Freqüentemente	Muito Freqüentemente	Sempre

31. Estou frustrado(a) com as coisas que faço em terapia.

1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Às vezes	Freqüentemente	Muito Freqüentemente	Sempre

32. Estabelecemos um bom entendimento quanto às mudanças que seriam boas para mim.

1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Às vezes	Freqüentemente	Muito Freqüentemente	Sempre

33. As coisas que o(a) meu(a) terapeuta me pede para fazer não fazem sentido.

1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Às vezes	Freqüentemente	Muito Freqüentemente	Sempre

34. Não sei o que esperar como resultado da minha terapia.

1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Às vezes	Freqüentemente	Muito Freqüentemente	Sempre

35. Acredito que o modo como estamos trabalhando com o meu problema é correto.

1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Às vezes	Freqüentemente	Muito Freqüentemente	Sempre

36. Sinto que o(a) meu(a) terapeuta se preocupa comigo mesmo quando faço coisas que não aprova.

1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Às vezes	Freqüentemente	Muito Freqüentemente	Sempre

ANEXO 09: Questionário de Satisfação**QUESTIONÁRIO DE SATISFAÇÃO DO CLIENTE**

1 – Como você avalia a forma de tratamento (psicoterapia breve via internet) que você participou?

- a. Muito ruim ()
- b. Ruim ()
- c. Boa ()
- d. Muito boa ()
- e. Não sei ()

Outra resposta:

2 – De 1 a 4 qual a nota você dá para:

- 1 - muito insatisfeito
- 2 - insatisfeito
- 3 - satisfeito
- 4 - muito satisfeito

A forma de intervenção realizada (psicoterapia breve via internet) ____

O número de sessões ____

Ao terapeuta ____

Ao seu resultado ____

As atividades realizadas na terapia ____

A avaliação com os questionários ____

Quer fazer algum comentário sobre as avaliações acima?

3 – Quais as sugestões você gostaria de dar para a realização de futuras intervenções:

ANEXO 10: Questionário de Avaliação do Uso da Internet**Avaliação do uso da internet**

1. Você usa computador? Se sim, com que frequência você usa a Internet?
 1. () não usa
 2. () usa em média 1 vez no mês
 3. () usa até 2 dias por semana
 4. () usa de 2 a 3 dias por semana
 5. () usa de 4 a 5 vezes por semana
 6. () usa quase todos os dias/todos os dias

2. Em relação à dificuldade de usar computador, como você se avalia?
 1. () tenho muita dificuldade 2. () tenho alguma dificuldade
 3. () não tenho dificuldade 4. () não se aplica (não usa computador)

ANEXO 11: Questões de Avaliação de Doses Consumidas e de Dias de Abstinência

1 - Nos últimos 30 dias, em média, quantas doses de bebida alcoólica você consumiu nos dias em que bebeu? Quantos dias bebeu?

(Sabendo que 1 dose equivale a uma lata de cerveja de 350 ml, 1 copo de cachaça de 40ml, e uma taça de vinho de 85ml)

2 - Nos últimos 30 dias, quantos dias ficou abstinente?